

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Vanessa Fontana Da Costa

**CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA  
JUVENTUDE**

Santa Maria, RS

2018

**Vanessa Fontana da Costa**

**CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA JUVENTUDE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Samara Silva dos Santos

Santa Maria, RS

2018

Costa, Vanessa Fontana da  
CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA  
JUVENTUDE / Vanessa Fontana da Costa.- 2018.  
78 p.; 30 cm

Orientadora: Samara Silva dos Santos  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2018

1. Violência Sexual 2. Juventude 3. Consequências I.  
Santos, Samara Silva dos II. Título.

**Vanessa Fontana da Costa**

**CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA JUVENTUDE**

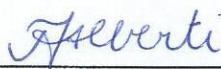
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Aprovado em 11 de Julho de 2018:**



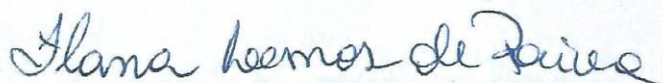
---

**Samara Silva dos Santos, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**  
Presidente/Orientadora



---

**Taís Fim Alberti, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**



---

**Ilana Lemos de Paiva, Dr<sup>a</sup> (UFRN)**  
(Participação por parecer)

Santa Maria, RS

2018

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que se dispuseram a participar desta pesquisa, mesmo sabendo o quão delicado é falar sobre uma situação de violência sexual.*

*Em especial, àquela que tornou este trabalho possível, e que além de conseguir transformar sua dor em luta, segue inspirando outras mulheres a ter a mesma força.*

## AGRADECIMENTOS

*Primeiramente agradeço a toda minha família por apoiarem minhas decisões e me incentivarem sempre a seguir meus sonhos, me dando o suporte necessário para concluir essa etapa.*

*Aos meus amigos por compreenderem às constantes ausências e sempre torcerem por mim.*

*Especialmente à Ana Paula, Ana Luíza, Fernanda e Thaíse, por compartilharem comigo todas as angústias e vitórias ao longo deste mestrado. Pelas trocas, lágrimas e gargalhadas que compuseram esta árdua e inesquecível jornada.*

*Às meninas do meu grupo de pesquisa, por todas as nossas discussões e produções ao longo destes anos, mas principalmente pelo carinho e apoio de vocês.*

*À minha banca, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilana Lemos de Paiva pelas contribuições e disponibilidade. E à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Taís Fim Alberti, também por suas contribuições, mas principalmente pelas oportunidades e parceria nos projetos que vieram agregar à minha formação ao longo deste mestrado.*

*Às participantes da pesquisa por tornarem este trabalho possível.*

*À minha orientadora, por confiar em mim, quando nem eu mesma confiava, pelo suporte e paciência que me possibilitaram ter a autonomia e a segurança, necessárias para me aventurar por essa temática e me arriscar na docência.*

*Enfim, a todos/as que fizeram parte da minha vida neste período e me mostraram que a academia vai muito além das produções e currículos, que ela é feita de trocas e vivências. O que me permitiu manter a saúde mental durante este processo e crescer não só enquanto pesquisadora e docente, mas também enquanto mulher.*

## RESUMO

### CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA JUVENTUDE

AUTORA: Vanessa Fontana da Costa

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samara Silva dos Santos

A violência sexual (VS) é considerada atualmente um problema de saúde pública. Percebe-se que a VS perpetrada na juventude precisa ser cada vez mais discutida na sociedade atual, devido seu alto índice de ocorrência, a gravidade das consequências sofridas pelos sujeitos que passam por este fenômeno e a falta de políticas públicas específicas para esta faixa etária, visto que a violência cometida contra jovens adultos é uma das menos exploradas, o que pode ocorrer devido às poucas denúncias, ou a banalização de alguns atos tidos como característicos desta faixa etária. Sendo assim, ressalta-se a importância da temática a qual esta dissertação se propõe discutir, buscando compreender as consequências da VS sofrida na juventude e as possibilidades de respostas ou ações de saúde frente à mesma. Esta é uma pesquisa qualitativa, feita por meio de um estudo de caso explanatório. Tal método é amplamente utilizado em pesquisas sociais que visam perceber um fenômeno observável de forma mais profunda. Para compreender as consequências da violência sexual entre jovens foram utilizadas diferentes fontes de dados, buscou-se integrar, portanto, a perspectiva de um sujeito que tenha vivido tal fenômeno e de uma profissional que atua na área, com ambas as participantes foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Foram respeitados os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos. Os dados coletados estão organizados em duas unidades de análise que deram origem a dois artigos, sendo estes denominados “*Trago junto comigo*”: Consequências da violência sexual perpetrada na juventude” e “*Abraça essa dor e vamos transformar isso em luta*”: Ações de saúde frente à violência sexual perpetrada na juventude”. Ao longo destes artigos percebe-se a importância de se discutir acerca das questões de gênero, que acabam influenciando desde a ocorrência de VS, até mesmo os possíveis impactos na vida de quem sofreu este tipo de violência. As consequências da VS dependem de muitos fatores, porém destaca-se que os reflexos dessa violência atingem todos os âmbitos de vida de quem sofre VS, seja de forma direta ou indireta. Um fator fundamental para lidar com tal situação é a obtenção de informações sobre VS. Desde informações mais práticas sobre os procedimentos que podem ser tomados após uma situação de violência, até mesmo a definição e caracterização da violência. A *internet* tem se mostrado um ótimo espaço para a obtenção de informações sobre situações de VS, seja por permitir que se busque pelo assunto sem se expor diretamente ou por facilitar o acesso ao discurso feminista, que tem sido protagonista nas discussões sobre violências de gênero e luta por direitos das mulheres. É fundamental perceber o fenômeno da VS como problema de saúde pública e estimular a criação de políticas públicas que ampliem e deem suporte para as ações de prevenção e promoção da saúde.

**Palavras-chave:** Violência Sexual; Consequências; Juventude; Feminismo; Informação.

## ABSTRACT

### CONSEQUENCES OF SEXUAL VIOLENCE PERPETRATED IN YOUTH

AUTHOR: Vanessa Fontana da Costa

MENTHOR: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samara Silva dos Santos

Nowadays sexual violence (SV) is considered a public health problem. SV perpetrated in youth must increasingly be discussed in current society, because of its high level of occurrence and the seriousness of the consequences suffered by individuals who have been through it. The lack of specific public policies is another reason for the discussion, since violence against young adults does not have much investigation, perhaps due to few reports or to the view of some acts as commonplace of this age group. Therefore, the dissertation aims to discuss the subject of SV perpetrated in youth, trying to understand its consequences and to think about some possibilities of answers or health actions before it. This qualitative research is based on an explanatory case study, a method widely used in social researches that seek to perceive an observable phenomenon in a deeper way. In order to understand the consequences of sexual violence against young persons, different data sources were used, looking for integrating the view from who has lived such phenomenon and from who works professionally with this issue. Some semi-structured interviews with both participants were conducted and ethical principles in research with human beings were observed. The data collected are organized into two units of analysis that have already led two articles entitled “*I bring with me*’: consequences of sexual violence perpetrated in youth” and “*Hold this pain and let’s turn this into a fight*’: health actions before sexual violence perpetrated in youth”. These articles point out the importance of the discussion about gender issues that can influence not only occurrences of SV, but also possible effects on those who have suffered this kind of violence. Although consequences of SV depend on many factors, this violence certainly affects all aspects of life, directly or indirectly. Gathering information about SV seems to be a key factor for dealing with the situation, from more practical knowledge about some procedures which can be taken after a case of violence to a definition and a characterization of this violence. The Internet has been a great instrument to obtain information about SV, for it allows researches on this subject without direct exposure and it facilitates access to feminist discourses, which have been a leading player in discussions about gender violence and women’s struggle for rights. Realizing SV as a public health problem is of utmost importance, as well as promoting the creation of public policies that increase and support actions to prevent and promote health.

**Keywords:** Sexual Violence; Consequences; Youth; Feminism; Information.



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b> .....	9
<b>2. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>3. PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	14
<b>4. MÉTODO</b> .....	16
4.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA .....	16
4.2 PARTICIPANTES.....	17
4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	17
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	18
4.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	19
<b>5. PRIMEIRO ARTIGO</b> .....	21
<b>Resumo</b> .....	22
<b>Abstract</b> .....	22
<b>Introdução</b> .....	22
<b>Método</b> .....	24
<b>Resultados e discussões</b> .....	25
<b>Conclusões</b> .....	37
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	38
<b>6. SEGUNDO ARTIGO</b> .....	41
<b>Resumo</b> .....	42
<b>Abstract</b> .....	42
<b>Introdução</b> .....	42
<b>Método</b> .....	44
<b>Resultados e discussões</b> .....	46
<b>Conclusões</b> .....	56
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	57
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	69
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAL</b> .....	70
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E</b> <b>ESCLARECIDO</b> .....	71
<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE</b> .....	73
<b>ANEXO A – CARTA DE APROVAÇÃO DO PROJETO GERAL PELO</b> <b>COMITÊ DE ÉTICA</b> .....	74

## 1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho compõe a Dissertação de Mestrado intitulada “Consequências da violência sexual perpetrada na juventude”. Optou-se por organizar esta dissertação em dois artigos, formato previsto pelas normas do Manual de Dissertações e Teses (MDT) da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2015). Tal escolha se dá em consonância com os objetivos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM, em estimular a publicação das dissertações em periódicos científicos, contribuindo assim para a divulgação científica das pesquisas desenvolvidas no programa.

A dissertação é composta de uma parte introdutória, na qual além da introdução estão os percursos metodológicos e o método, com o intuito de contextualizar os processos da pesquisa e o que foi produzido. Os dados foram trabalhados ao longo de dois artigos, sendo o primeiro denominado “*Trago junto comigo*’: Consequências da violência sexual perpetrada na juventude”, e o segundo “*Abraça essa dor e vamos transformar isso em luta*’: Ações de saúde frente à violência sexual perpetrada na juventude”. Os artigos estruturam-se em uma sequência lógica dos dados, funcionando de forma complementar, porém, por possuírem uma estrutura completa, também podem ser vistos de forma individual, considerando o objetivo de publicação. Após os dois artigos, são apresentadas as considerações finais do estudo.

A formatação da dissertação segue os padrões da ABNT como indicado pela MDT-UFSM (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2015), com exceção dos dois artigos que estão de acordo com as normas da *American Psychological Association* (APA, 2010) em formatação e tamanho exigidos para publicação nos periódicos científicos, aos quais serão submetidos após a arguição da banca e realização das modificações solicitadas.

## 2 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se faz relevante por tratar de um assunto considerado um grave problema social e de saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a violência está entre as principais causas de mortes, não naturais, na população entre 15 e 44 anos, representando assim uma questão de saúde mundial (KRUG, DALBERG, MERCY, ZWI e LOZANO, 2002). Dentro de tal faixa etária encontra-se o período de desenvolvimento definido como juventude, pois de acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), considera-se jovem, todo indivíduo entre 15 e 29 anos, sendo que dos 15 aos 18 a legislação que prevalece corresponde ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), portanto, considera-se para esta pesquisa o período de 18 a 29 anos abarcado pelo Estatuto da Juventude. Tal fase de desenvolvimento pode ser considerada de risco se forem levados em conta às mudanças subjetivas e sociais deste momento.

Este período de adaptação entre a adolescência e o início da vida adulta, é marcado por experimentações e novas vivências. Ao mesmo tempo em que é cobrado pela sociedade para produzir ou definir sua carreira e futuro profissional, o jovem está vivenciando diversas novas experiências e possibilidades, pois é neste período que se intensifica a construção de identidade. Em meio a tantas expectativas, cobranças e possibilidades, os jovens passam a constituir-se enquanto sujeitos sociais, influenciando e sendo influenciado, pelos seus pares e pela sociedade como um todo. Estando a consolidação da identidade intimamente ligada ao fator sociocultural (DONAS-BOTTO e MOTA, 2012; FLAKE, SCHRAIBER e MENEZES, 2013; LIVINGSTONE, 2012; MOTA e ROCHA, 2012).

A construção de novas relações sociais está ligada à procura por aceitação social, gerando um sentimento de pertença e valorização pessoal. Tais sensações influenciam diretamente, tanto na construção identitária quanto nas relações amorosas estabelecidas. Para Flake, Schraiber e Menezes (2013) esta etapa depende de dois fatores essenciais, a identidade e a intimidade, estando ambos interligados. É neste período que surgem as primeiras relações afetivo-sexuais mais duradouras, e conseqüentemente que se estreitam os vínculos interpessoais. Por outro lado, a intimidade pode estar associada também ao poder, neste caso o poder surge da subjugação do parceiro, podendo até correlacionar o nível de afeto a dominância desempenhada, seja ela moral, psicológica ou física. Tal aspecto também se relaciona a identidade do sujeito, pois remete a como ele lida com divergências, frustrações e até mesmo com o desejo (FLAKE, SCHRAIBER e MENEZES, 2013; FREITAS e MOTA,

2015; MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011; SALES e PARAÍSO, 2013; SOARES, LOPES e NJAINE, 2013).

Pela perspectiva bioecológica, desde criança somos integrados a contextos exteriores mais amplos, e gradualmente nos distanciando do microsistema familiar. Tal afastamento é percebido como algo positivo, pois incentiva o processo de individuação, e o desenvolvimento de novas relações sociais e afetivas. A juventude pode ser vista como um potencializador deste processo, que pode representar ao mesmo tempo desamparo e autonomia, ou seja, um período de intensas mudanças que precisa ser observado considerando suas potencialidades e riscos (BRONFENBRENNER, 1996; FLAKE, SCHRAIBER e MENEZES, 2013; FREITAS e MOTA, 2015; LIVINGSTONE, 2012; MOTA e ROCHA, 2012; SALES e PARAÍSO, 2013).

Sendo assim, as implicações da violência neste período de vida possuem alto impacto na formação identitária do sujeito e em suas relações sociais. A área da saúde investe cada vez mais em pesquisas e ações na área, que possam, além de auxiliar quem sofre violência, embasar medidas protetivas e de prevenção. Da mesma forma que existe a necessidade de um sistema de saúde que acolha e cuide adequadamente de quem sofre a violência, é necessário esforços para lidar com os agressores de forma qualificada. Além disso, também se faz essencial medidas de prevenção e conscientização da população de forma geral, e pesquisas que guiem tais ações (COELHO, SILVA e LINDNER, 2014; KRUG, DALBERG, MERCY, ZWI e LOZANO, 2002).

A violência é um problema social que cresce mundialmente, em níveis alarmantes, tornando-se uma questão de saúde pública. A violência em suas múltiplas facetas deve ser observada considerando a perspectiva da sociedade que a produziu, ou seja, convêm situá-la na realidade social, política, cultural e histórica em que ocorre. Pois na mesma medida em que a violência é um produto da sociedade, também pode ser desconstruída por ela, sendo assim estudos e medidas tomadas pelo poder público podem efetivamente trabalhar tanto no suporte para os envolvidos como na prevenção da mesma (MINAYO e SOUZA, 1998; VELOSO *et al.*, 2013).

Ao caracterizar os tipos de violência percebe-se um destaque para a violência sexual, relacionada intimamente com o âmbito privado, não tanto pela sua ocorrência, mas principalmente pela dificuldade de torná-la pública. Apesar das notificações de tais casos serem crescentes, a dimensão da ocorrência de violência sexual está longe de representar a realidade, justamente por impacto físico e psicológico gerado para a quem sofre este tipo de violência e por percepções sociais sobre este tipo de violência (COELHO, SILVA e

LINDNER, 2014; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2012; WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO, 2017; KRUG, DALBERG, MERCY, ZWI e LOZANO, 2002).

Este tipo de violência é definida pela Organização Mundial da Saúde como,

Qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejados, ou atos direcionados ao tráfico sexual ou, de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação, praticados por qualquer pessoa independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa e no trabalho, mas não limitado a eles (KRUG, DALBERG, MERCY, ZWI e LOZANO, P. 147, 2002).

Ressalta-se que a definição de violência sexual feita pela OMS apenas descreve e classifica ações, sem recortes sociais, de gênero, ou qualquer outro aspecto. Contudo o recorte de gênero é alarmante quando se fala da ocorrência de violência sexual, a grande maioria das pessoas vitimadas pertence ao sexo feminino. Isto pode ser atribuído à sociedade patriarcal estabelecida culturalmente na realidade brasileira, subjugando a mulher a um papel secundário, e conseqüentemente submisso. Ao mesmo tempo em que a mulher é vista como um ser autônomo, ela está sujeita ao controle social masculino, esteja ele explícito ou implícito (LIMA e DESLANDES, 2014; MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011, PASINATO, 2011; SANTOS e IZUMINO, 2005).

As pesquisas nacionais apontam um aumento no número de notificações de violência, principalmente de violência sexual, apesar de ser difícil quantificar tais atos, devido à repercussão pessoal e social dos mesmos, é possível levantar uma estimativa através dos números de denúncias. Para que fosse possível tal registro foi criado, pelo Ministério da Saúde, o Sistema de Informações de Agravos de Notificações (Sinan), que visa registrar os atendimentos pelo Sistema único de Saúde (SUS) no campo das violências. De acordo com estes registros apenas no ano de 2014, último ano divulgado, foram atendidas 198.113 pessoas que sofreram violência doméstica, sexual e/ou outras violências, sendo que 73% (143.53) destas são mulheres (CERQUEIRA e COELHO, 2014; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014; WAISELFISZ, 2015).

A partir de análises sobre os dados de notificação e representatividade da população brasileira, Cerqueira e Coelho (2014), estimam que a cada ano, no mínimo 527 mil pessoas são estupradas no Brasil, e que destes casos apenas 10% chegue à público por meio de denúncias a polícia ou atendimentos de saúde. Este fenômeno ocorre devido ao impacto da violência para quem é atingido, à visão social de tal violência, bem como a carência de um sistema intersetorial específico que abarque tal demanda e registre a ocorrência de forma mais

precisa (CERQUEIRA e COELHO, 2014; COELHO, SILVA e LINDNER, 2014; WASELFISZ, 2015).

Outro dado alarmante corresponde à caracterização das vítimas. Em 2013, no Brasil, foram registrados 26.281 casos de violência sexual, destes 22.914 são mulheres, correspondendo à 87,4% das vítimas. Em 2014, esta taxa se manteve, pois, 88% das vítimas foram do sexo feminino, sendo que destas 19% possuíam idades entre 18 e 29 anos, contra 8% de homens na mesma faixa etária. Neste perfil de vítimas, é provável que a violência seja recorrente ou ocorra novamente no futuro, tendo em vista que o principal agressor nestes casos é o parceiro ou ex-parceiro (50% dos casos registrados). Tais dados tornam-se preocupantes na medida em que se sabe que a violência sexual, além dos danos em curto prazo, pode gerar graves consequências que podem interferir no desenvolvimento dos jovens em questão de modo permanente, tendo em vista que esta etapa remete-se à formação pessoal e construção de relações afetivas (CERQUEIRA e COELHO, 2014; COELHO, SILVA e LINDNER, 2014; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014; WASELFISZ, 2015).

A estimativa do World Health Organization (WHO) (2017) é de que uma a cada três mulheres em todo o mundo já sofreram, principalmente pelos próprios parceiros, violência física ou/e sexual. A violência sexual (VS) está intimamente relacionada a relações afetivo/familiares, podendo ocorrer em episódios isolados ou durar longos períodos. Fato que associado à proximidade entre a vítima e o agressor pode gerar consequências imediatas grave e profundas, que afetam a vida e a saúde das mulheres como um todo, em longo prazo, de forma direta ou velada. Por isso torna-se fundamental o preparo dos profissionais da saúde para atender a tais situações de forma ética e humanizada, bem como a criação de políticas públicas que deem suporte a estes atendimentos e incentivem campanhas de prevenção e promoção de saúde voltadas para este fenômeno (LIMA e DESLANDES, 2014; MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS, 2012; WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO, 2017).

Considerando tais perspectivas, percebe-se que a violência sexual na sociedade atual precisa ser cada vez mais discutida, devido seu alto índice de ocorrência, as consequências sofridas pelas vítimas e a falta de políticas públicas específicas para esta faixa etária, visto que a violência cometida contra jovens adultos é uma das menos exploradas, o que pode ocorrer devido às poucas denúncias, ou a banalização de alguns atos tidos como característicos desta faixa etária. Sendo assim, ressalta-se a importância da temática a qual esta dissertação se propõe discutir, discorrendo sobre as consequências da VS sofrida na juventude, suas possíveis implicações e ações de saúde frente à mesma.

### 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa é feita de processos, começando pelo desejo de realizá-la, passando pelos meios que a tornam viável, pelos imprevistos que encontramos pelo caminho, e finalmente pelos dados e interpretações que damos a eles. Em meio a todo esse processo, muitas vezes é a própria pesquisa que nos leva, vamos descobrindo novas perspectivas, contornando dificuldades e nos construindo ao mesmo tempo em que construímos nosso trabalho. Devido a isso, se faz necessário discorrer um pouco sobre esse processo de construção e principalmente sobre o caminho metodológico que foi percorrido até aqui.

Esta pesquisa surge como um recorte da pesquisa nacional intitulada “Prevalência do abuso sexual na população brasileira”, a qual buscou levantar dados sobre a prevalência desta violência sofrida na infância e/ou adolescência. Para isso, 3666 jovens universitários, de diferentes regiões do país e de diversas áreas acadêmicas, responderam a um questionário sobre abusos vividos na infância e/ou adolescência. Apesar das instruções contidas no questionário especificarem que se tratava de uma pesquisa cujo objetivo era fazer um levantamento de experiências de violência sexual sofrida na infância ou adolescência, identificou-se relatos sobre violências recentes, ou seja, vivenciadas na atual fase de vida dos mesmos. Esta constatação foi o impulso inicial para o desejo de realizar esta pesquisa, somando a escassez de estudos sobre a violência sexual entre jovens adultos, bem como os estudos iniciais da pesquisadora sobre as questões de gênero.

Quanto mais se estuda sobre tais questões, mais claro fica a importância de se pesquisar sobre a violência sexual e a complexidade do tema. Pois, ao mesmo tempo em que tal violência mostra-se cada vez mais recorrente em nossa sociedade, afetando profundamente a todos os envolvidos, a mesma ainda é cercada de tabus sociais que dificultam as denúncias e consequentemente as ações de prevenção. Da mesma forma torna-se impossível não realizar um recorte de gênero quando se trata de violência sexual, devido ao grande número de mulheres vitimadas, recaindo assim em problematizações feministas atuais. Aspecto que reforça a necessidade de se pesquisar sobre o tema e de se estimular a existência de espaços, tanto de acolhimento, quanto de discussão.

Os objetivos iniciais do projeto consistiam em identificar as consequências da violência sexual entre jovens universitários, bem como compreender a manifestação desse fenômeno e suas implicações para quem sofre este tipo de violência. Para isso, foi planejada uma média de cinco entrevistas com participantes que tinham sofrido alguma forma de violência sexual, independente de gênero, entre 18 e 29 anos, na qual o agressor estivesse na

mesma faixa etária, descartando assim episódios ocorridos na infância. Inicialmente, para a realização do contato com as participantes, foram procurados os locais de referência no atendimento às vítimas de violência sexual no âmbito da saúde e da secretaria de justiça e segurança pública da cidade de Santa Maria – RS. Ao não obter sucesso, outra estratégia de acesso aos participantes foi pensada. A pesquisa foi divulgada em espaços *online* onde tal assunto era discutido. O retorno ao convite ocorreu apenas em um grupo inserido em uma rede social, intitulado *Feminismo SM*, neste espaço cinco mulheres manifestaram o desejo de participar da pesquisa, porém apenas uma entrevista se concretizou.

A grande diferença entre o número de possíveis participantes, que se dispuseram a falar, e a concretização da entrevista, pode ser atribuída à diversos fatores, como as facilidades de se estabelecer contato por uma rede social, o que estimula inicialmente as pessoas a participarem, porém inibindo-as para o contato direto, pois quatro jovens, apesar de responderem ao convite de pesquisa, não concretizaram suas entrevistas. A não disponibilidade para falar sobre a experiência pode ocorrer por não estarem prontas para falar sobre a situação, e pode se manifestar pela falta de horário disponível para a participação na pesquisa.

Quatro jovens remarcaram por diversas vezes a entrevista, mesmo que o dia e horário das entrevistas tenham sido estipulados pelas mesmas, o que pode demonstrar uma grande vontade em participar e do mesmo modo, certa resistência em fazê-lo. A imersão no campo de pesquisa possibilitou refletir que a dificuldade de acessar as possíveis participantes, provavelmente se deva a delicadeza do tema abordado, sendo este ainda um tabu em nossa sociedade, o que dificulta a procura por ajuda jurídica e de saúde, e impossibilita as vítimas a falarem sobre o ocorrido.

Foram respeitados os limites individuais, não insistindo na remarcação da entrevista após a segunda tentativa, apenas colocando-se a disposição caso elas mudassem de ideia. Por fim, apenas uma destas mulheres foi entrevistada, discorrendo sobre a violência que sofreu e como reagiu diante da mesma nos anos seguintes. Tal participante possui um viés ideológico muito forte, atua no movimento feminista e alega que foi por meio deste universo que percebeu a violência que sofreu, e arrumou meios de lidar com as consequências advindas dela. Desde os primeiros escritos desta dissertação, torna-se impossível não adentrar ao viés feminista, seja pela discussão de gênero, essencial na discussão da VS como um fenômeno social, mas também pelo meio de contato com estas participantes, pois o mesmo foi realizado em um grupo feminista, soma-se a isso a postura da participante e da própria pesquisadora.



A imparcialidade na pesquisa, embora utópica, por vezes é buscada e valorizada. Mas ao reconhecer, desde o início da pesquisa, que o fenômeno estudado nos toca e quais as percepções prévias que temos sobre isso, é possível buscar um olhar sobre a dinâmica daquilo que está sendo estudado. Nunca se estará completamente distantes daquilo que se pesquisa, pois a pesquisa também é constituída do nosso desejo, mas podemos obter uma reflexão racional sobre isso.

O ato de pesquisar é fluído, nos leva por caminhos que não imaginávamos, nos mostram perspectivas que nunca tínhamos pensamos e nos demanda uma readaptação frente aquilo que surge. Foram assim os novos rumos tomados por esta pesquisa, ao longo de todo o processo de pesquisa, seus caminhos foram sendo repensados e adaptados, sempre buscando não perder a essência do trabalho, mas sim um aprofundamento que fosse coerente com os resultados que estavam à nossa frente. Foi assim que chegamos ao estudo do fenômeno das consequências da violência sexual entre jovens, utilizando-se de múltiplas fontes de dados para embasar tal trabalho, como será descrito detalhadamente a seguir.

## **4 MÉTODO**

### **4.1 DELINEAMENTO DE PESQUISA**

Esta pesquisa, caracterizada como qualitativa, visou compreender as consequências da VS sofrida na juventude e as possibilidades de respostas ou ações de saúde frente à mesma, por meio de um estudo de caso explanatório. A pesquisa qualitativa desenvolve-se em ambiente natural, pode ser executada de diversas formas, por meio de entrevista, estudo de caso, relato de experiência, etc. Utilizando uma abordagem interpretativa que ao fazer uso das interações e da observação, pode analisar o objeto de estudo de uma forma mais profunda, podendo trabalhar com dados novos, não previstos anteriormente no planejamento da pesquisa (BREAKWELL, et al. 2010, DENZIN e LINCOLN, 2006; GÜNTHER, 2006).

O método definido para a presente pesquisa é o estudo de caso explanatório. O estudo de caso é amplamente utilizado em pesquisas sociais que visam perceber um fenômeno observável de forma mais profunda. Ou seja, utiliza diversos meios para compreender o que se propõe, analisando de forma categórica os fenômenos encontrados. Os estudos explanatórios visam ampliar as reflexões sobre o estudo de caso, fazendo com que as mesmas possam ser aplicadas a outros casos semelhantes, que estejam inseridas no mesmo contexto bio-psico-social. Para que isto seja possível o foco da pesquisa não ocorre em um caso

pontual, mas sim em um fenômeno, que neste caso são as consequências da violência sexual entre jovens (FREITAS e JABBOUR, 2011; MINAYO, 2014; YIN, 2010).

Para compreender as consequências da violência sexual entre jovens foram utilizadas diferentes fontes de dados, buscou-se integrar, portanto, a perspectiva de um sujeito que tenha vivido tal fenômeno e de uma profissional que atua na área. Além disso, buscou-se refletir sobre os dados a partir do embasamento teórico, de forma que as discussões dos dados obtidos pudessem ser contextualizadas social e historicamente, validando ou refutando as hipóteses levantadas ao longo da análise, fazendo com que os resultados trabalhados nesta pesquisa pudessem agregar ao entendimento deste fenômeno.

Para que isso seja possível se faz necessário que estejam claro os objetivos do estudo, que consistem em investigar as consequências da violência sexual sofrida na juventude, buscando compreender como esse fenômeno se manifesta e quais são suas implicações para quem sofre este tipo de violência. Sendo estes também chamados de unidades de análise, desde a coleta dos dados, mantendo assim o foco nos mesmos e auxiliando posteriormente a categorização e análise de tais dados. É enriquecedor ao estudo que o mesmo seja feito utilizando-se múltiplas fontes de evidência, pois assim é possível perceber o fenômeno sob diferentes aspectos, identificando suas convergências e divergências, já que os dados serão contextualizados em torno das unidades de análise (FREITAS e JABBOUR, 2011; MINAYO, 2014; YIN, 2010).

#### 4.2 PARTICIPANTES

Os dados foram coletados por meio de duas entrevistas semiestruturadas. A primeira foi realizada com uma mulher, que atualmente realiza pós-graduação em sua área de atuação e possui trinta anos. A participante, aos vinte e quatro anos de idade, quando cursava graduação e estava em mobilidade acadêmica, passou por uma situação de VS perpetrada por um indivíduo na mesma faixa etária e que pertencia ao seu círculo social da época. A segunda entrevista foi realizada com uma profissional de psicologia que atua há dois anos em uma equipe multidisciplinar voltada para o atendimento às vítimas de violência sexual na região central do Rio Grande do Sul. A escolha de tal profissional ocorreu pela visibilidade de seu trabalho como referência na região.

#### 4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O contato realizado com a participante ocorreu por meio das redes sociais, quando ela disponibilizou-se a falar sobre a experiência que vivenciou anos atrás. A entrevista foi marcada conforme disponibilidade da mesma, e posteriormente remarcada pelo mesmo

motivo. A entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), ocorreu nas dependências do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, com duração total de uma hora e dez minutos. A entrevista foi gravada mediante autorização da participante, feita por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) e posteriormente transcrita pela pesquisadora.

Após a transcrição e análise prévia dos dados obtidos foi elaborada uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), tendo como foco o fenômeno a ser estudado e visando um maior aprofundamento nas questões levantadas pela participante, tal entrevista foi realizada com uma profissional da psicologia que atua em uma equipe multiprofissional no interior do Rio Grande do Sul e trabalha há dois anos no atendimento às vítimas de VS , o contato com a mesma ocorreu via e-mail e a entrevista foi realizada em seu local de trabalho, conforme a disponibilidade da mesma, tendo uma duração de quarenta e oito minutos, sendo também gravada mediante autorização, pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C), e posteriormente, sendo transcrita pela pesquisadora. Cabe ressaltar que a utilização da análise prévia dos dados para guiar a segunda entrevista, visa um aprofundamento do fenômeno estudado, fazendo uso assim de uma triangulação dos dados obtidos, contextualizando-os acerca dos objetivos da pesquisa (YIN, 2010).

#### 4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram organizados em unidades de análise condizentes com os objetivos da pesquisa, sendo estas denominadas “consequências da violência sexual perpetrada na juventude” e “ações de saúde frente à violência sexual perpetrada na juventude”. Tais categorias deram origem aos dois artigos que compõe esta dissertação. Para uma melhor análise de tais dados, baseou-se no processo de Análise de Conteúdo que é um método amplamente utilizado em pesquisas qualitativas que usam alguma forma de comunicação como coleta de dados, pois busca maior compreensão dos dados obtidos através de discursos, entrevistas, documentos, etc. que não possuem a possibilidade de serem analisados quantitativamente (MINAYO, 2014; YIN, 2010).

Tal análise trabalha o conteúdo das falas do sujeito de forma que se possam analisar as entrelinhas, ou melhor, o que é trazido por aquele sujeito além das palavras em seus significados literais. Para isso, é necessário ter conhecimento sobre o portador desta fala, em seu contexto social, cultural, de gênero, etc. A execução desta análise foi dividida em três etapas. Primeiramente a execução da Pré-Análise que consistiu na seleção do material a ser analisado seguido da leitura flutuante do mesmo, possibilitando assim o contato da

pesquisadora com todos os dados coletados, fazendo-a ter noção do material como um todo, deixando impregnar-se pelas hipóteses iniciais e pelas hipóteses viáveis aos dados ali expostos (MINAYO, 2014; YIN, 2010).

A segunda etapa foi a Exploração do Material e teve por objetivo a categorização do material a ser analisado. Para tanto, foram utilizadas as Unidades de Análise, selecionando repetições de palavras, expressões e/ou ideias que se mostraram relevantes na Pré-Análise, tal categorização definiu a terceira etapa. O Tratamento dos Resultados Obtidos ou Interpretação, nessa etapa foi realizada a interpretação e análise dos resultados. Depois de separados categoricamente, a pesquisadora inferiu sobre os significados de tais dados e o que eles representam para a pesquisa e para além dela, como novas informações não previstas no decorrer da pesquisa, para isso foram realizadas discussões sobre os dados, que também foram avaliados por juízes, apresentando 85% de concordância (MINAYO, 2014).

É importante destacar que por se tratar de uma pesquisa explanatória, para além da busca por múltiplas fontes de dados e perspectivas, o processo de análise dos dados se propôs a contextualizá-los histórico e socialmente, e discuti-los sob o viés das produções científicas atuais, como forma de confirmar ou refutar as hipóteses levantadas ao longo do processo, validando assim as discussões levantadas pelo mesmo. Fazendo com que o fenômeno abordado pelo Estudo de caso possa ser explanado (YIN, 2010).

#### 4.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foram respeitados os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos definidos pelo Conselho Nacional de Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, Resolução n.º 510/2016), garantindo às participantes o anonimato, a proteção de seus direitos, bem como seu bem-estar e dignidade. Para isso o projeto tramitou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sendo aprovado sob protocolo CAAE n.º 70574917.7.0000.5346 (ANEXO A). Os dados foram coletados após a aprovação do mesmo pelo referido comitê e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE- APÊNCIDE C) garantindo a ciência das participantes sobre a pesquisa e suas possíveis implicações. Foram respeitados também os critérios estabelecidos pelo Conselho Federal da Psicologia, por meio do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005). O qual delega ao pesquisador a responsabilidade de avaliar os riscos da pesquisa e a influência da mesma nos participantes. As entrevistas foram gravadas, mediante autorização, e o arquivo de áudio apagado após a transcrição da mesma, assegurando o anonimato das participantes (CFP, 2005; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Após a aprovação deste trabalho pela banca avaliadora, o mesmo foi encaminhado para apreciação das participantes desta pesquisa, com o intuito de realizar uma devolução as mesmas sobre os resultados da pesquisa, também possibilitando que estas realizassem sugestões de alterações e/ou omissões sobre o que foi trabalhado. Ambas as participantes aprovaram a versão final e posterior publicação deste trabalho no formato de artigos científicos. Ressaltaram também a importância de se discutir sobre tal temática e incentivar mais pesquisas nesta área.

**5 PRIMEIRO ARTIGO**

***“TRAGO JUNTO COMIGO”: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL  
PERPETRADA NA JUVENTUDE***

**“TRAGO JUNTO COMIGO”: CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL  
PERPETRADA NA JUVENTUDE**

**Resumo:** O presente artigo teve como objetivo compreender as consequências da violência sexual perpetrada na juventude. Para isso foi realizado um estudo de caso explanatório focado em um fenômeno, que neste caso são as consequências da violência sexual na juventude. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, sendo estas realizadas com uma mulher, que aos vinte e quatro anos de idade passou por uma situação de violência sexual perpetrada por um indivíduo na mesma faixa etária e com uma profissional de psicologia que atua no atendimento á vítimas de violência. Os impactos da violência sexual são globais na vida de quem sofre este tipo de violência, atingindo todos os contextos, de forma direta ou indireta, e assim como sua incidência, são influenciados por questões sociais de gênero.

**Palavras-chaves:** Violência Sexual, Juventude, Consequências.

***"I BRING WITH ME": CONSEQUENCES OF SEXUAL VIOLENCE PERPETRATED  
IN YOUTH***

**Abstract:** *This article aims to understand the consequences of sexual violence perpetrated in youth. For this purpose, an explanatory case study was undertaken, focused on the consequences of sexual violence in youth. The data were collected from semi-structured interviews with a woman, who suffered sexual violence when she was 24 years old by an individual of her same age group, and with a psychologist, who assists victims of violence. Sexual violence has serious effects on those who have suffered it, for it affects all aspects of life, directly or indirectly. The effects and the occurrences of this kind of violence are influenced by gender issues.*

**Keywords:** *Sexual Violence, Youth, Consequences.*

### **Introdução**

De acordo com a OMS a violência é considerada hoje uma questão de saúde pública, devido sua alta incidência e a gravidade de suas consequências. Na medida em que a violência passa a ser considerada como um fenômeno pertinente ao campo da saúde pública seu enfrentamento exige ações interdisciplinares. Exige, inclusive, investimento em pesquisas, que possam capacitar os profissionais, auxiliar melhor as vítimas e focar na promoção e prevenção, por exemplo, de modo que atinjam, não só as pessoas envolvidas de forma direta, mas a população como um todo. Compreender a violência no campo da saúde pública também possibilita considera-la um produto da sociedade na qual esta inserida, ressaltando a

importância de situá-la na realidade social, política, cultura e histórica em que a mesma ocorre (Coelho, Silva & Lindner, 2014; Krug *et al.*, 2002; Dahlberg & Krug, 2007).

A violência sexual (VS) é uma das expressões da violência, caracterizada como violência interpessoal (Dahlberg & Krug, 2007). A VS é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como todo e qualquer ato sexual ou tentativa de ato sexual que ocorra de forma indesejada, assim como comentários e investidas voltados à sexualidade de alguém por meio de coação. Tais ações podem ser praticadas por qualquer pessoa, independente da relação da mesma com quem foi acometido ou do contexto em que se encontram. A definição da OMS é feita a fim de englobar de forma mais abrangente diferentes contextos sociais, porém é importante destacar a influência cultural e social nas ocorrências e alta incidência de violência sexual (Krug, Dalberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002).

De acordo com o Sistema de Informações de Agravos de Notificações (SINAN), as mulheres são as maiores vítimas de violência sexual no Brasil, sendo que em 2014, 88% das vítimas foram do sexo feminino, destas 19% possuíam idades entre 18 e 29 anos, contra 8% de homens na mesma faixa etária. Os números apresentados pelo SINAM revelam que é impossível discorrer sobre tal fenômeno sem que se discutam as questões de gênero envolvidas, visto que tal diferença ocorre justamente pelos papéis de gênero atribuídos ao masculino e feminino, colocando o homem em posição de poder em relação à figura feminina, esta por sua vez, vista como frágil e vulnerável (Connell & Pearse, 2015; Ministério da Saúde, 2014).

O SINAN também aponta um crescimento no número de registro de casos de VS, contudo, apesar deste aumento, estima-se que a real dimensão da ocorrência de VS seja muito maior. Para Cerqueira e Coelho (2014) apenas 10% dos casos chegam a público, seja pelas denúncias a polícia ou atendimentos de saúde, estimando assim que a ocorrência real deste tipo de violência chegue a 527 mil pessoas no mínimo. A subnotificação pode se dar pelo alto impacto físico e psicológico gerado para quem passa por esta situação, pelas percepções sociais sobre este tipo de violência, ou pela falta de estrutura nos serviços atendimento à tais violências.

No que tange ao impacto da VS na vida de quem sofre este tipo de violência, as consequências podem ser das mais variadas, ocorrendo de forma imediata ou em longo prazo. Quando perpetrada em uma etapa de formação, como a juventude, pode interferir no desenvolvimento dos jovens de modo permanente, tendo em vista que esta etapa remete-se à formação identitária e construção de relações afetivas. (Cerqueira & Coelho, 2014; Coelho *et al.*, 2014; Ministério Da Saúde, 2014; Waiselfisz, 2015).



A ocorrência ou intensidade das consequências de uma VS dependem de diversos fatores, desde fatores subjetivos até o modo como essa violência foi perpetrada. Por exemplo, há alta incidência de violência física, e até mesmo óbitos, relacionados à ocorrência de VS, porém não necessariamente a VS é executada mediante violência e lesões físicas. Dentre as principais consequências estão as relacionadas à saúde reprodutiva, mental e bem-estar social (Krug *et al.*, 2002). Sendo assim este artigo visa compreender as consequências da violência sexual perpetrada na juventude, dando ênfase para as consequências mentais e sociais.

## **Método**

Esta pesquisa, caracterizada como qualitativa, consiste em um estudo de caso explanatório focado em um fenômeno, que neste caso são as consequências da VS. O método foi escolhido por ser amplamente utilizado em pesquisas sociais que objetivam perceber o fenômeno estudado de forma mais profunda, e para que isso fosse possível buscaram-se diferentes fontes de dados para contribuir com a pesquisa. É enriquecedor ao estudo que o mesmo seja feito utilizando-se múltiplas fontes de evidência, pois assim é possível perceber o fenômeno sob diferentes aspectos, identificando suas convergências e divergências, já que os dados serão contextualizados em torno das unidades de análise (Freitas & Jabbour, 2011; Minayo, 2014; Yin, 2010).

Sendo assim, participaram desta pesquisa uma mulher, que atualmente realiza pós-graduação em sua área de atuação e possui trinta anos, chamada de participante 1 e uma profissional de psicologia que atua há dois anos em uma equipe multidisciplinar voltada para o atendimento às vítimas de violência sexual na região central do Rio Grande do Sul, que foi chamada neste artigo de participante 2. A participante 1, aos vinte e quatro anos de idade, quando cursava graduação e estava em mobilidade acadêmica, passou por uma situação de violência sexual perpetrada por um indivíduo na mesma faixa etária e que pertencia ao seu círculo social da época. Com ambas as participantes, foi realizada uma entrevista semiestruturada em local e período definidos pelas mesmas.

O contato realizado com a primeira participante foi por meio das redes sociais, quando ela se disponibilizou a falar sobre a experiência que vivenciou anos atrás. Após a realização da entrevista e de uma análise inicial dos dados obtidos, a entrevista com a profissional foi construída, objetivando um aprofundamento das questões trazidas inicialmente. Cabe ressaltar que a utilização da análise prévia dos dados para guiar a segunda entrevista, visa um aprofundamento do fenômeno estudado, fazendo uso assim de uma triangulação dos dados obtidos, contextualizando-os acerca dos objetivos da pesquisa (Yin, 2010).

Análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, trabalhando assim com o conteúdo das falas do sujeito de forma que se possam analisar as entrelinhas, ou melhor, o que é trazido por aquele sujeito além das palavras em seus significados literais. A execução desta análise foi dividida em três etapas. Primeiramente a execução da Pré-Análise que consistiu na seleção do material a ser analisado seguido da leitura flutuante do mesmo, possibilitando assim o contato da pesquisadora com todos os dados coletados, fazendo-a ter noção do material como um todo, deixando impregnar-se pelas hipóteses iniciais e pelas hipóteses viáveis aos dados ali expostos (Minayo, 2014; Yin, 2010).

A segunda etapa foi a Exploração do Material e teve por objetivo a categorização do material a ser analisado, sendo seguida pelo Tratamento dos Resultados Obtidos ou Interpretação. Nessa etapa foi realizada a interpretação e análise dos resultados. Depois de separados categoricamente, a pesquisadora inferiu sobre os significados de tais dados e o que eles representam para a pesquisa e para além dela, como novas informações não previstas no decorrer da pesquisa, para isso foram realizadas discussões sobre os dados, que também foram avaliados por juízes, apresentando 85% de concordância (Minayo, 2014).

Durante todo este processo foram respeitados os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos definidos pelo Conselho Nacional de Saúde (Ministério Da Saúde, Resolução n.º 510/2016), bem como o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005). Para isso o projeto tramitou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sendo aprovado sob protocolo CAEE nº 70574917.7.0000.5346. As entrevistas foram gravadas, mediante autorização, e o arquivo de áudio apagado após a transcrição da mesma, assegurando o anonimato das participantes. O artigo foi encaminhado para as participantes lerem o que foi produzido, tendo a possibilidade de sugerirem omissões e/ou alterações. Ambas as participantes aprovaram a versão final deste artigo, bem como sua publicação.

## **Resultados e discussões**

Os dados coletados representam a perspectiva de uma profissional de psicologia e de uma mulher que passou por uma situação de violência sexual, sobre as consequências da violência sexual perpetrada na juventude. Percebe-se a influencia de diversas variáveis na forma como as consequências da VS aparecem, dentre elas estão a natureza do ato, o acesso a informação, o tempo que passou desde a situação de VS e as questões de gênero. Sendo que, esta última variável mencionada, influencia não apenas nas consequências da VS, mas em como o sujeito que sofreu VS e a sociedade de forma geral, percebem essa violência,

chegando a influenciar também na ocorrência deste tipo de violência, fazendo com que a mesma esteja incluída na categoria de violência de gênero.

Sendo assim, torna-se inviável discutir sobre violências em nossa sociedade sem adentrar nas questões de gênero, visto que é fundamental a contextualização dos sujeitos envolvidos em seus contextos sócio históricos. Contexto esse que está impregnado com as questões de gênero, influenciando tanto nas construções identitárias, quanto nas relações interpessoais estabelecidas. Para Connell e Pearse (2015) as relações de gênero ocorrem em quatro dimensões, sendo elas poder, produção, catexia e simbolismo. Tais dimensões, tidas como ferramentas de análise mutáveis e fluídas, possuem subestruturas distintas das relações de gênero, porém não são instituições separadas, pois se entrelaçam e se condicionam mutuamente.

Quando se remetem as questões de poder, não consiste em uma estrutura única e autoritária, mas em relações e estruturas que possuem diferentes níveis, operando de modo fluído e difuso. Como dimensão de gênero, o poder está relacionado às perspectivas sociais que colocam o homem como forte, corajoso, dominante, principalmente em relação à mulher, tida então como passiva, fraca, etc. Papeis que acabam por aumentar a exposição dos homens aos mais variados tipos de violência, uma vez que tal contexto reforça os conceitos atrelados a este gênero, e da mesma maneira, quando a violência em questão é de gênero, a alta incidência recai nas mulheres como alvos (Connell & Pearse, 2015; Foucault, 1987).

A dimensão da produção, também pode ser vista como a divisão sexual do trabalho, desde os postos de trabalho condicionados aos conceitos de feminino e masculino, até a própria visão do trabalho. Pois trabalho, propriamente dito, visto como uma ação de produção e remuneração, difere dos trabalhos domésticos, tido como tarefa obrigatória e de cuidado. Sendo o primeiro associado ao masculino e o segundo ao feminino, mesmo que não corresponda a realidade atual dos postos de trabalho. Já a Catexia, refere-se às relações emocionais que formamos, fundamentais para a constituição subjetiva do sujeito e suas relações sociais. As relações emocionais podem ser tanto positivas quanto negativas, e dependem diretamente dos vínculos e correlações formadas culturalmente, que passam pelos “modelos” de gênero da nossa sociedade e por suas rupturas (Connell & Pearse, 2015).

Por fim, a dimensão simbólica permeia todos os âmbitos de nossas vidas, se o ser humano se forma por meio do discurso, este é constituído por meio de seus significados e simbolismos. Quando fala-se de “homem” e “mulher”, por exemplo, para além de seus significados literais, existem uma série de conceitos e estruturas sociais criadas para diferenciar e associar tais conceitos binários. O simbolismo também ultrapassa a palavra e

pode ser visto nos padrões de comportamento, de produção, de auto percepção e percepção com outro, etc. “A sociedade é um mundo de significados. Ao mesmo tempo, significados carregam os traços dos processos sociais por meio dos quais foram produzidos. Sistemas culturais refletem interesses sociais particulares e partem de modos de vida específicos” (Connell & Pearse, 2015, p. 172).

É justamente nestes simbolismos que se encontram padrões de comportamento e discursos que precisam ser aprofundados e problematizados, quebrando assim não só estereótipos de gênero, mas comportamentos nocivos que podem advir dos mesmos (Connell & Pearse, 2015). O entrelaçamento destas dimensões fica claro a partir do relato da participante 1, que sofreu VS, sobre a forma como passou a identificar padrões de comportamento e categorizar as pessoas:

Não vou mais me relacionar com “*esses caras*”, por que pra mim isso é o mínimo, porque nem todos aqueles caras que são mais das agrárias, mais das rurais... Eles são todos dessa forma e a gente vai estratificando as pessoas e eu acho que a violência faz com que a gente acabe generalizando o comportamento e que às vezes isso não é real, né?... Não sei... É muito complicado... Agente acaba às vezes, por conta de uma violência, reproduzindo um comportamento que é deles... De generalizar... Até o comportamento feminino, de dizer que por conta de uma saia você se comporta de uma forma, eu por conta de uma fivela acabei olhando e dizendo “não, você é esse tipo de pessoa, que eu não quero me envolver [Sic] (participante 1).

A estratificação feita pela participante 1 aparece como uma reação de defesa frente à violência que a mesma sofreu, porém ela mesma identifica os conceitos de poder e catexia, atrelados no simbolismo trazidos. Seja na “fivela” que faz com que ela se afaste como uma forma de proteção, ou na “saia” utilizada muitas vezes para julgar o comportamento feminino.

O afastamento dela de certos padrões de comportamento masculinos pode ser entendido como uma ação de autopreservação, feito racionalmente ou irracionalmente. Porém, apesar de representar uma defesa pode também trazer impactos negativos para a mesma (Connell & Pearse, 2015; Oliveira, Assis, Njaine & Oliveira, 2011). Quando questionada qual a maior consequência após ter sofrido este ato de violência, a participante mencionou:

Confiança... Eu acho que confiança... E confiança na figura masculina... De uma forma geral. Eu tive a tendência de colocar meio que todo mundo em uma mesma caixinha. [...] E nisso eu comecei a me esquivar de relações mais profundas. [...] Engraçado como se conscientemente eu não sabia que aquilo era uma violência, mas de forma inconsciente o meu corpo retraiu... Aqui eu não tive relacionamentos... [Sic] (participante 1).

Perder a confiança e/ou a sensação de segurança, é uma reação comum a quem sofre qualquer tipo de violência. Principalmente, quando está é cometida por alguém próximo e de confiança ou até mesmo em um ambiente no qual a pessoa se sentia segura e protegida, como é o caso da participante 1. Isso ocorre devido a percepção de vulnerabilidade e exposição constante ao que lhe foi aversivo, que pode estar relacionado ao próprio ambiente, a um objeto, pessoa, ou até mesmo a um padrão de comportamento/fala. Toda esta dinâmica pode influenciar a perspectiva da pessoa que sofreu VS sobre suas relações afetivo-amorosas, escolha de parceiros, etc. (Connell & Pearse, 2015; Florentino, 2015; Gomes, 2011). Dinâmica semelhante pode ser identificada no relato da participante 1, que sofreu VS:

Era algo que tava totalmente ditando a forma como eu vivia os outros relacionamentos sem que eu percebesse... Porque era inconsciente, não era de forma consciente. [...] Essa violência me fez, hã... Lidar com os relacionamentos de uma forma muito mais... Dura... Muito mais fechada... E isso tá sendo... Superado, agora assim... Ainda não é algo superado... Não é, por que... É como se eu não pudesse confiar em certas pessoas, porque você nunca sabe quem é... Você nunca sabe... [...] por que ai eu me fechei, só que dai também eu me privei de inúmeras possibilidades com os relacionamentos, por conta de uma violência... [Sic] (participante 1).

A fala da participante traz justamente a dualidade entre um instinto de proteção, que faz com que a mesma se preserve e se afaste daquilo que foi associado como aversivo, mas que também define e limita novas experiências, que poderiam ser muito positivas de modo geral. Ao retornar Connell e Pearse (2015), pode-se perceber a aproximação entre a simbologia e a catexia, sendo a primeira feita pela participante por meio de percepções sociais de comportamentos e estereótipos, culturalmente estabelecidos, com o perpetrador da VS, e conseqüentemente o sentimento negativo de aversão ao símbolo associado.

O reflexo da VS pode tornar-se visível por meio das relações afetivo-sexuais, ou seja, pelo modo como a pessoa que a sofreu se relaciona e/ou percebe suas relações. As

consequências, portanto, podem ser uma reação frente ao ocorrido e se manifestar surgindo como uma hipersexualização, como uma atitude de banalização dos relacionamentos de forma geral, ou uma barreira para novos relacionamentos. De qualquer forma, é recorrente o impacto de tal violência como um impeditivo para uma vida afetiva-sexual saudável, seja pelos bloqueios gerados, ou pelos riscos de reincidência, que podem estar relacionados a superexposição e/ou aumento do comportamento de risco. Outro fator alarmante é a grande incidência de pessoas que passam a cometer atos de violência, como resposta a violência sofrida (Florentino, 2015; Njaine, Oliveira, Ribeiro, Minayo & Bodstein, 2011; Oliveira & Assis *et al.*, 2011).

De acordo com Oliveira e Assis, *et al.* (2011) o uso da violência como forma de enfrentar outros atos de violência é extremamente comum entre pares, seja por meio da violência verbal, física, sexual, tornando tais atitudes corriqueiras e até mesmo naturais, se não forem percebidas como um reflexo negativo de violências sofridas, e este ciclo de reprodução não for interrompido. Fato percebido pela participante da pesquisa: “Isso é terrível... Socialmente você acaba reproduzindo comportamento... Lógico que não na mesma intensidade que a pessoa que te violentou porque você não vai... Hã... Realizar a mesma violência que ele, mas você acaba reproduzindo outras violências” [Sic] (participante 1).

A referida violência observada pela participante no próprio comportamento, consiste da categorização dos comportamentos masculinos e discriminação daqueles considerados de risco, atitude que impactou também a própria participante, por não ser algo que a mesma faria normalmente e influenciar em suas relações interpessoais, porém depois de identificar tais padrões à mesma alega já ter observado mudanças em seu comportamento.

Hoje já não afeta mais dessa forma, mas eu ainda tenho a tendência de olhar pro homem e querer estratificar ele... E colocar ele... E isso foi porque eu reconheci que eu sofri um abuso, talvez se eu não tivesse sofrido aquele abuso eu não ficaria colocando as pessoas aqui e ali... Tentando enquadrar elas em alguma caixinha que eu não quero perto... Aí bem ruim né... Isso é terrível! [Sic] (participante 1).

Um aspecto importante a ser destacado nesta fala da participante, é o reconhecimento da violência e de suas consequências. Segundo Hohendorff, Habigzang e Koller (2015) o processo terapêutico ocorre justamente através do relato da quem passou por uma situação de VS, visto que assim a mesma tem a possibilidade de reelaborar a violência sofrida, reorganizando a memória traumática e tomando ciência dos impactos deste trauma em sua

vida. Também é possível que a mesma, ao perceber tais consequências, comece a reestruturar os vínculos de confiança, a reduzir os reflexos dessa violência, minimizando assim também o risco de exposição a novos atos de violência.

Porém, assim como as consequências dependem de muitos fatores subjetivos, o modo de lidar com esta violência também é muito pessoal e precisa ser respeitado, como destaca a psicóloga,

Os sintomas que elas vão apresentar dependem muito da forma como foi [a violência], a gente percebe isso, mais agressivo assim, nesse sentido, então, tem umas que revivem todo dia aquilo, às vezes elas não acordam bem, tem umas que moram próximo, estudam aqui, elas acabam vindo procurar a gente [Sic] (participante 2).

Forçar o relato de alguém que ainda não esteja preparado para isso, é o equivalente a reproduzir outro ato de violência neste sujeito (Hohendorff *et al.*, 2015; Silva & Gonçalves, 2015). Segundo a psicóloga entrevistada nesta pesquisa, o contato inicial com a pessoa que sofreu violência é de extrema importância por acolher e auxiliar em um momento confuso, onde a mesma passará por diversos procedimentos e profissionais, mas principalmente, pela criação de um vínculo de confiança, que faz com que recorram aos profissionais, quando necessário: “se consegue ta junto lá desde o primeiro atendimento, pra organizar isso, porque elas se desorganizam muito, é bem importante, elas tem a gente [Psicóloga e Assistente social] como referência” [Sic] (participante 2), o que faz com que, segundo a profissional, muitas mulheres a procurem em situações de crise, quando não estão conseguindo lidar com o ocorrido.

É justamente esse acolhimento assim, elas sentirem que ta aqui [no serviço de saúde] é importante, e que não vai só fazer com que elas se exponham, com que elas se sintam fragilizadas, porque mexe de novo né, com tudo que tá acontecendo, e delas saberem que é importante falar, que é importante sim reviver, elaborar [Sic] (participante 2).

A qualidade dos serviços de saúde voltados para o atendimento a quem sofreu VS é crucial justamente por lidar com questões delicadas que podem impactar na saúde a curto e longo prazo. Tais cuidados vão desde a capacitação da equipe para lidar com os casos de

forma acolhedora, sem julgamentos e/ou exposição dos pacientes, até as instalações e áreas físicas, que devem ter locais para que os atendimentos sejam realizados em um ambiente separado, garantindo a privacidade necessária. O ideal é que a equipe seja interdisciplinar e trabalhe em consonância atendendo assim os pacientes de forma integral. Todas estas medidas devem ser pensadas para que se crie não só um atendimento de qualidade, mas um local seguro e acolhedor, onde a pessoa que sofreu a violência possa ter autonomia sobre seu tratamento e confiança nos profissionais envolvidos, auxiliando assim na forma como a mesma vai lidar com as consequências desta violência (Ministério da Saúde, 2011; World Health Organization, 2017).

Destaca-se a importância dos serviços de saúde, mas também é fundamental discutir tais aspectos no âmbito social, visto que muitas vezes quem sofre VS não procuram atendimento profissional e acabam buscando auxílio de outras formas, ou até mesmo, evitando lidar com o assunto. O silêncio sobre a violência sofrida é muito comum, seja como uma negação do trauma vivido, ou devido o tabu social de se falar sobre o assunto (Hohendorff *et al.*, 2015; Silva & Gonçalves, 2015). Esta foi a primeira reação da participante desta pesquisa, “Eu fingi [que a violência não tinha acontecido]... Mas eu não tinha como... Eu fingia pros outros, mas eu não tinha como fingir pra mim... Aquilo tava comigo” [Sic] (participante 1).

Mesmo percebendo o impacto da violência em sua vida, à percepção social de tal fato pode fazer com que o silêncio permaneça, e conseqüentemente, não haja suporte e apoio para lidar com tais questões. De acordo com Santos e Dell’Aglío (2010) a revelação da VS é influenciada por diversos fatores que fazem com que quem sofre VS não se sinta segura para contar sobre a violência, dentre estes fatores esta o medo da reação social, em não acreditarem na veracidade do relato, não darem apoio ou até mesmo culpa-la pela violência sofrida. Tais receios podem ser entendidos pelos simbolismos contidos nas relações de poder em nossa sociedade, que colocam a figura masculina como superior, tendo suas ações muitas vezes justificadas como “normais” e “instintuais”. Enquanto a figura feminina, por sua vez, é questionada e responsabilizada pela manutenção de seus *status* puro e assexuado (Connell & Pearse, 2015).

Tais temores fizeram com que a participante não relatasse a violência para pessoas próximas:



Eu não me sinto a vontade de falar isso pra minha mãe, para os meus familiares... Por que eu sei que eles vão me culpar... “IMAGINA, como que tu não viu?”; “tu tava bêbada também lógico!”... Aquela coisa que todo mundo fala... [Sic] (participante 1).

Mesmo buscando ajuda por conta própria, e hoje conseguindo perceber os impactos da violência em sua vida, o fato de não falar do ocorrido para algumas pessoas, principalmente para sua família, ainda gera desconforto na mesma:

Interfere em tudo [referindo-se a violência sofrida]... Pessoal, pessoal no sentido das relações até com a própria família, no momento em que você não divide algo que é tão duro e... Né?... É horrível... É como se aquelas pessoas que convivem com você, elas não conhecessem você por completo... Elas não sabem o que te motiva a mudar... O que te motiva a fazer determinadas coisas, sabe?... Tipo o que me motiva tá aqui [na entrevista] dividindo uma dor... Porque elas nem sabem que eu tive essa dor... Por que ela é bem terrível... [Sic] (participante 1).

A reação é compreensível visto que diante de uma situação de violência, em geral, é buscado primeiramente o suporte das pessoas mais próximas, sejam elas familiares ou amigos, pois são quem já possuem vínculos de confiança estabelecidos. Porém frequentemente este suporte é permeado por julgamentos e culpabilização, colocando quem sofreu VS novamente em uma posição de vulnerabilidade. Esta reação é ainda mais comum quando o agressor pertence ao mesmo ciclo social, reforçando assim as perspectivas de gênero utilizadas para justificar tais atos de violência, como indicado a seguir pela profissional que participou da pesquisa (Santi, Nakano & Lettiere, 2010; Santos & Dell’Aglío, 2010).

Nem sempre são pessoas desconhecidas, a gente tem muitos casos onde o agressor tem sido um colega de faculdade... A gente tem muitas estudantes, várias estudantes que tão procurando o serviço e que foram encaminhadas, onde é o colega... algum amigo em comum de amigas... enfim... nem sempre então, esse medo delas dessa perseguição, de se sentir muitas vezes culpada, de se sentir julgada, porque outras

peças ficaram sabendo, outras tavam na mesma festa e viram... e de estar julgando ela, e que enfim, ela bebeu, que ela se expos... [Sic] (participante 2).

O contexto social também pode naturalizar as violências, na medida em que as mesmas são influenciadas por padrões comportamentais de gênero considerados normais, a culpa pode ser atribuída a quem sofreu porque não “previu” tais padrões e ter seu impacto menosprezado, uma vez que é associado a algo recorrente e normalizado. Tal perspectiva não só gera impacto direto para quem sofreu VS como pode incentivar a ocorrência de outras situações de violência, destacando-se assim a importância de se problematizar os papéis de gênero expostos socialmente. Uma das reações frente a isso pode ser justamente a procura por novos círculos sociais, que não tenham ligação com o agressor ou que não reforcem as consequências vividas pela ocorrência da VS (Cardoso & Vieira, 2015; Gomes 2011). Tal atitude foi realizada pela participante ao mudar seu círculo de amizades após a violência,

Isso mudou completamente os meus amigos... 90% deles são gays... Eu tô segura no universo gay... Em [nome da cidade onde reside atualmente] eu praticamente... Eu quase não vou em festa, mas quando vou em festa eu vou no [nome de uma boate LGBTQ+ local]... Eu não corro o risco de... Pelo menos pelo meu imaginário... Eu não corro o risco de sofrer nenhum tipo de abuso no [nome de uma boate LGBTQ+ local] [Sic] (participante 1).

Tal mudança gera uma sensação de segurança, uma vez que está associada ao simbolismo adotado pela participante como uma defesa, que classifica os sujeitos que a mesma enquadra por meio da percepção de comportamentos e estereótipos sociais. Fazendo com que ela busque se relacionar com pessoas que contraponham este padrão (Connell e Pearse, 2015). Tal afastamento interfere também na vida profissional como a participante relata nos trechos a seguir,

E aí você começa às vezes a se esquivar inclusive de colegas profissionais que tem envolta de ti assim... Tu começa a se retirar das situações. Então eu acho que às vezes a gente acaba por perder até as oportunidades... Por conta do abuso... [...] Em termos profissionais isso interfere totalmente, eu me sinto muito mais a vontade trabalhando com mulher e com gays... [Sic] (participante 1).

O tempo todo eu tenho essas pessoas [das áreas de ciências rurais] em volta de mim né... E eu me lembro da forma como anda, da forma como fala... Da forma como se relaciona... Das piadas que fazem... E isso às vezes me machuca muito sabe. Me machuca no sentido que eu sei que outras mulheres também sofrem aqueles abusos sabe?... E aí eu não me coloco mais naquelas situações... [Sic] (participante 1).

No caso da participante, o contato direto no local de trabalho com o estereótipo masculino, com o qual a mesma estabeleceu um simbolismo aversivo, gera o afastamento dela de algumas situações. A reação é recorrente tratando-se de VS, visto que o agressor frequentemente pertence ao ciclo profissional de quem foi vitimado, seja no período de formação (escola, faculdade) ou de atuação propriamente dita, podendo inclusive gerar o abandono do curso e/ou emprego. Outro impacto na vida profissional de quem sofreu VS é a necessidade de um tempo, seja para as consultas e atendimentos, ou para a mesma lidar com a violência sofrida como traz a psicóloga,

No trabalho a gente percebe sabe? o que elas [pessoas que sofreram violência] relatam assim, de não ter direito a esse afastamento [do trabalho] muitas vezes, e ter esse tempo pra elas ressignificarem, elaborarem... pra elas irem... porque são atendimentos que... principalmente ali na primeira semana, elas tem quase todo dia um tipo de atendimento, é o infecto, é com a equipe aqui, é a delegacia, no IML, então muitas acabam não aderindo, ou se desorganizam mais ainda. Mas eu acredito que em todas as esferas essas consequências [da VS] [Sic] (participante 2).

É importante destacar o ponto trazido pela profissional que coloca as consequências da violência sexual afetando a vida de quem passa por esta situação de forma global, ou seja, em todos os contextos. O impacto dessa violência pode deixar marcar físicas, psíquicas, sociais, sexuais, dentre outras, sendo necessário deste modo olhar o indivíduo de forma integral no cuidado em saúde, possibilitando também assistência a longo prazo e não apenas emergencial (Florentino, 2015; Garcia & Trajano, 2018). A participante 1 traz tal violência, como algo que estará com ela sempre, mesmo que consiga elaborar o trauma e amenizar as consequências, o reflexo da violência vivida faz parte dela,

Mas acaba que eu... Trago junto comigo, eu não tenho como dizer... “a não! Agora eu superei... Vou poder deixar esse abuso pra lá”... Isso não existe, você sofreu o abuso, o abuso vai estar com você pro resto da sua vida... Aquilo... Vai fazer parte de você, e isso interfere totalmente na relação que você vai viver dali pra frente, por exemplo... [Sic] (participante 1).

Grande parte deste impacto é resultante do sentimento de culpa, sendo esta uma das consequências mais comuns em quem sofreu VS, justamente pelas perspectivas culturais de papéis de gênero citadas anteriormente. A culpa vai muito além do julgamento social, fazendo com que quem sofreu VS se considere culpada pela violência perpetrada, como apontou a participante “E eu por um longo tempo pensei isso [que era culpada]... ‘como eu não vi?’... ‘ai, eu deveria realmente estar muito bêbada’... Se realmente tivesse não tinha nem visto a cara” [Sic] (participante 1). A culpa esta tão enraizada nesta situação, que mesmo tendo consciência disso, muitas pessoas repetem atitudes de julgamento normalizando a violência e invisibilizando quem a sofreu (Florentino, 2015; Garcia & Trajano, 2018).

Elas [pessoas que sofreram VS] se sentem culpadas pelo que aconteceu, por exemplo, a “eu fui bebi”, “me ofereceram bebida e eu aceitei, depois eu não lembro mais de nada”, então essa culpa assim, “há, mas vão dizer que eu tava bêbada, vão dizer que eu quis, vão dizer que EU...” né? Elas trazem muito isso assim, como se elas estarem em uma situação de vulnerabilidade, que beber, né?... coloca em si... dá o direito de outra pessoa fazer o que elas quiser, e de ser julgadas mesmo, de ter grupos criados no *facebook* falando viram, que foi ela que quis, que foi ela que bebeu porque quis, entende? Então assim isso constrange muito, faz elas se sentir... elas trazem muito esse aspecto de culpa, de sujeira, de se sentir... e de ter vergonha, começam a se isolar em função disso né? Todos os sintomas vão aparecendo... [Sic] (participante 2).

O agravo das consequências da VS devido a culpabilização e banalização da violência, além de dificultar a busca por ajuda, visto que a inibe a exposição do ato sofrido, afeta também de forma direta a autoestima a curto e longo prazo. Pois o sujeito que passa por uma

situação de violência, estando inserido neste contexto social, reproduz a associação da culpa à quem sofre e não a quem perpetra a VS, atrelando os estímulos aversivos a si mesmo (Florentino, 2015; Garcia & Trajano, 2018).

No dia em que aconteceu eu não entendi o que tava acontecendo, e no outro dia eu passei o dia inteiro chorando. Isso foi num sábado, no domingo eu me sentia a pior pessoa do mundo, a sensação que eu tinha era que eu tinha que engolir detergente, assim... Sabe?... Pra me limpar daquilo que tinha acontecido, e o tempo todo eu me culpei, o tempo inteiro... Até... Sei lá... Ano passado [cinco anos após a violência]... [Sic] (participante 1).

Percebe-se a importância de reconhecer a violência e suas consequências, de apropriar-se disso para conseguir elaborar e lidar com tais questões. Este entendimento passa também pela compreensão da estrutura social por trás da VS e das reações frente a ela, problematizando as questões de gênero que perpetuam tal fenômeno (Connell & Pearse, 2015; Garcia & Trajano, 2018).

Por que até então eu achava que era minha culpa... Até o ano passado... Até... O primeiro semestre do ano passado e aí eu tive contato com amigas feministas e a... E aí eu entendi o quão importante era você se conhecer... Sabe... Se respeitar no sentido de quando acontecer uma situação dessas você fazer alguma coisa, por que eu não tô nas estatísticas... Por que eu não sabia que era [violência]... [Sic] (participante 1).

É fundamental o registro e notificações dos casos de violência para que se possa compreender e planejar ações de prevenção e promoção de saúde, mas é ainda mais urgente discutir sobre as noções de gênero implicadas. De acordo com Connell e Pearse (2015), quando se pensa em tais noções como uma estrutura social, abre-se precedentes para pensar-se em crise, pois estruturas desenvolvem tendências a crises por meio de rupturas internas, contradições e/ou inadequações, mudando assim os conceitos e relações que definem tal estrutura. Os relatos de violências e os crescentes índices de incidência das mesmas já apontam para a crise, que venham as mudanças e ressignificações.

## Conclusões

As consequências da VS na vida de quem a sofreu dependem de muitos fatores, como a forma em que ocorreu, quem perpetrou, o local, etc. Sendo assim, ocorrem de forma muito subjetiva e pessoal, porém destaca-se que os reflexos dessa violência atingem todos os âmbitos de vida de quem a sofreu, de forma direta ou indireta. Os impactos da violência repercutem de forma global na vida de quem sofre este tipo de violência, afetando profundamente a mesma e todos os setores da sua vida, nas relações afetivo-sexuais, familiares, sociais, profissionais, seja pela forma como a mesma se relaciona socialmente ou pelo modo que passa a ver os outros e a si mesmo.

Ao se discutir as situações de VS é importante que se discutam também as questões de gênero, pois as mesmas podem influenciar não só a ocorrência, como também os possíveis impactos na vida de quem sofreu, como este estudo demonstrou. A ampliação das discussões de gênero podem auxiliar a mediar sentimentos de culpa, subjacentes a compreensão do ato como consequência de suas próprias ações. Além disso, também podem auxiliar a compreender os baixos índices de denúncia, como resultado do tabu gerado em torno do assunto. Os papéis estereotipados designados para as figuras de masculino e feminino, acabam por normalizar os atos de violência ao considerar algumas atitudes como instintivas e naturais.

É fundamental perceber o fenômeno da VS como problema de saúde pública e não como uma ação naturalizada. Tal entendimento proporciona com que o crescimento dos índices de violência resultem na criação de políticas públicas que ampliem e deem suporte para as ações de prevenção e promoção da saúde, do mesmo modo que se tenha uma estrutura adequada para o atendimento a quem a sofre, sendo importante também o treinamento e capacitação dos profissionais envolvidos devido a delicadeza e complexidade da situação de violência. Porém, é preciso ir muito além para dar conta deste problema social.

Faz-se necessária a discussão sobre a ocorrência e implicações da VS, de modo livre, sem tabus, incentivando a problematização das questões de gênero envolvidas e principalmente desmistificando a VS. A abordagem sobre tal temática objetiva informar sobre a incidência, locais de acolhimento e atendimento, retirando a VS do local velado em que a mesma é colocada. De qualquer forma, sejam em ações de saúde ou de pesquisa, é importante colocar em primeiro lugar a subjetividade e particularidades das pessoas que a sofreram, respeitando o modo escolhido pela mesma para lidar com a situação.

## Referências Bibliográficas

- Brasil, Ministério da Saúde. (2011). *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. (3a ed). Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao\\_agravo\\_violencia\\_sexual\\_mulheres\\_3ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf)
- Brasil, Ministério da Saúde. (2014). *Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan Net. DATASUS*. Brasília. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinannet/cnv/violebr.def>
- Brasil, Ministério da Saúde. (2016). *Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Cardoso, I. C. B. & Vieira, V. C. (2015). *Discursos sobre violência sexual contra a mulher no webjornalismo e nas redes sociais*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Recuperado em 01 Maio, 2018, de [http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/19213/1/2015\\_IsabelaCristinaBarrosCardoso.pdf](http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/19213/1/2015_IsabelaCristinaBarrosCardoso.pdf)
- Cerqueira, D., & Coelho, D. C. (2014). *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)*. Brasília: IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://www.compromissoeatidade.org.br/wp-content/uploads/2014/03/IPEA\\_estupronobrasil\\_dadosdasaude\\_marco2014.pdf](http://www.compromissoeatidade.org.br/wp-content/uploads/2014/03/IPEA_estupronobrasil_dadosdasaude_marco2014.pdf)
- Coelho, E. B. S.; Silva, A. C. L. G & Lindner, S. R. (2014). *Violência: Definições e tipologias*. Florianópolis: UFSC. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1862>
- Connell, R., & Pearse, R. (2015) *Gênero uma perspectiva global* (3a ed). São Paulo: nVerso.
- Conselho Federal De Psicologia (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília, DF. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo\\_etica.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf)
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(supl.), 1163-1178. Recuperado em 10 Janeiro de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0>
- Florentino, B. R. B. (2015) As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(2), 139-144. Recuperado em 01 Junho, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n2/1984-0292-fractal-27-2-0139.pdf>
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (20a ed). Petrópolis: Vozes.
- Freitas, W. R. S. & Jabbour, C. J. C. (2011). Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate*, 18(2), 07-22. Recuperado em 10 fevereiro, 2018, de

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod\\_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf)

Garcia, A. L. C. & Trajano, M. P. (2018). *Violência sexual contra mulheres e saúde mental: um diálogo sobre norma técnica de prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes*. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. Florianópolis, v. 10, n. 25, pp. 260-280. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://stat.elogo.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/5003>

Gomes, R. (2011). Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In Minayo, M. C. de S.; Assis, S. G. de & Njaine, k. (Org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Hohendorff, J. V.; Habigzang, L. F. & Koller, S. H. (2015). *Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: Panorama e alternativas de atendimento*. Psicologia, ciência e profissão, 35(1), pp. 182-198. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282038428014>

Krug, E. G.; Dalberg, L. L.; Mercy, J. A.; Zwi, A. B. & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial Da Saúde – OMS. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>

Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14a ed). São Paulo: Ed. Hucitec.

Njaine, K.; Oliveira, Q. B. M.; Ribeiro, F. M. L.; Minayo, M. C. de S. & Bodstein, R. (2011). Prevenção da violência nas relações afetivo-sexuais. In Minayo, M. C. de S.; Assis, S. G. de & Njaine, k. (Org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Oliveira, Q. B. M.; Assis, S. G. de; Njaine, K. & Oliveira, R. V. C. de (2011). Violências nas relações afetivo-sexuais. In Minayo, M. C. de S.; Assis, S. G. de & Njaine, k. (Org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Santi, L. N. de; Nakano, A. M. S. & Lettiere, A. (2010). *Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social*. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 19(3); pp. 417-24. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n3/a02v19n3>

Santos, S. S. & Dell'Aglio, D. D. (2010). *Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso infantil*. Revista Psicologia & Sociedade, 22 (2), pp. 328-335. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://www.redalyc.org/html/3093/309326457013/>

Silva, R. S. & Gonçalves, M. (2015). *A ocorrência de transtornos psiquiátricos em crianças e adolescentes abusados sexualmente*. UNICIÊNCIAS, v. 19, n.1, pp. 72-78. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/uniciencias/article/view/3158>



Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília – DF. Recuperado em 01 Maio, 2018, de [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)

World Health Organization – WHO (2017). *Strengthening health systems to respond to women subjected to intimate partner violence or sexual violence: a manual for health managers*. Geneva. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/vaw-health-systems-manual/en/>

Yin, R. K. (2010). *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (4a ed). Porto Alegre: Bookman.

**6 SEGUNDO ARTIGO**

***“ABRAÇA ESSA DOR E VAMOS TRANSFORMAR ISSO EM LUTA”*: AÇÕES DE  
SAÚDE FRENTE À VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA JUVENTUDE**

**“ABRAÇA ESSA DOR E VAMOS TRANSFORMAR ISSO EM LUTA”: AÇÕES DE SAÚDE FRENTE À VIOLÊNCIA SEXUAL PERPETRADA NA JUVENTUDE**

**Resumo:** O presente artigo objetiva compreender as ações de saúde frente à violência sexual perpetrada na juventude. Tendo em vista isso foi realizado um estudo de caso explanatório focado em um fenômeno, que neste caso são as consequências da violência sexual na juventude. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, sendo as mesmas realizadas com uma mulher, que aos vinte e quatro anos de idade passou por uma situação de violência sexual perpetrada por um indivíduo na mesma faixa etária e com uma profissional de psicologia que atua no atendimento á vítimas de violência sexual. Destaca-se a importância da informação no reconhecimento da violência sofrida e na busca por ações de saúde. Assim como a influência do movimento feminista na criação de políticas públicas e discussões acerca do tema. É fundamental que se ampliem as discussões sobre gênero e violências, estimulando assim também a criação de políticas públicas que atuam tanto na prevenção quanto na promoção de saúde.

**Palavras-chaves:** Violência Sexual; Juventude; Informação; Feminismo.

**"HOLD THIS PAIN AND LET'S TURN THIS INTO A FIGHT": HEALTH ACTIONS BEFORE SEXUAL VIOLENCE PERPETRATED IN YOUTH**

**Abstract:** *This article aims to understand health actions before sexual violence perpetrated in youth. For this purpose, an exploratory case study was undertaken, focused on the consequences of sexual violence in youth. The data were collected from semi-structured interviews with a woman, who suffered sexual violence when she was 24 years old by an individual of her same age group, and with a psychologist, who assists victims of violence. The importance of information is emphasized, because it contributes to recognizing the violence suffered and seeking health actions, as well as the influence of the feminist movement on the creation of public policies and on discussions about this subject. Increasing discussions about gender and violence is of utmost importance, in order to stimulate the creation of public policies related to health promotion and prevention.*

**Keywords:** *Sexual Violence; Youth; Information; Feminism.*

**Introdução**

A violência sexual (VS) está relacionada intimamente com o âmbito privado, tanto pela sua ocorrência, quanto pela dificuldade de torná-la pública. Apesar das notificações de tais casos serem crescentes, a dimensão da ocorrência de VS está longe de representar a realidade, justamente pelo impacto físico e psicológico gerado em quem sofre e por percepções sociais sobre este tipo de violência. De acordo com Cerqueira e Coelho (2014) as denúncias realizadas consistem em apenas 10% dos casos de violência, sendo assim as estimativas de ocorrências podem chegar a 527 mil casos (Coelho, Silva & Lindner, 2014;

Organização Mundial Da Saúde, 2012; World Health Organization – Who, 2017; Krug, Dalberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002). Este tipo de violência é definida pela Organização Mundial da Saúde como,

Qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejados, ou atos direcionados ao tráfico sexual ou, de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação, praticados por qualquer pessoa independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa e no trabalho, mas não limitado a eles (Krug *et al.*, p. 147, 2002).

Ressalta-se que a definição de VS feita pela OMS apenas descreve e classifica ações, desconsiderando os recortes sociais, de gênero, ou qualquer outro aspecto. Contudo o recorte de gênero é um dos pontos mais alarmantes quando se fala da ocorrência de VS, a grande maioria das vítimas pertence ao sexo feminino. Isto pode ser atribuído à sociedade patriarcal estabelecida culturalmente na realidade brasileira, subjugando a mulher a um papel secundário, e conseqüentemente submisso. Ao mesmo tempo em que a mulher é vista como um ser autônomo, ela está sujeita ao controle social masculino, esteja ele explícito ou implícito (Lima & Deslandes, 2014; Minayo, Assis & Njaine, 2011, Pasinato, 2011; Santos & Izumino, 2005).

De acordo com os dados disponibilizados pelo Sistema de Informações de Agravos de Notificações (SINAN), em 2013, no Brasil, foram registrados 26.281 casos de violência sexual, destes 22.914 são mulheres, correspondendo à 87,4% das vítimas. Em 2014, esta taxa se manteve, pois, 88% das vítimas foram do sexo feminino, sendo que destas 19% possuíam idades entre 18 e 29 anos, contra 8% de homens na mesma faixa etária. Neste perfil de vítimas, é provável que a violência seja recorrente ou ocorra novamente no futuro, tendo em vista que o principal agressor nestes casos é o parceiro ou ex-parceiro (50% dos casos registrados) (Ministério Da Saúde, 2014).

A estimativa do *World Health Organization* (WHO) (2017) é de que uma a cada três mulheres em todo o mundo já sofreram, principalmente pelos próprios parceiros, violência física ou/e sexual. A VS está intimamente relacionada a relações afetivo/familiares, podendo ocorrer em episódios isolados ou durar longos períodos. Fato que associado à proximidade entre a vítima e o agressor pode gerar conseqüências imediatas grave e profundas, que afetam

a vida e a saúde das mulheres como um todo, em longo prazo, de forma direta ou velada (Cerqueira & Coelho, 2014; Coelho, Silva & Lindner, 2014; Waiselfisz, 2015).

Devido a crescente incidência e a sua gravidade, a VS é considerada um problema de saúde pública, que precisa ser observado considerando a perspectiva da sociedade que o produziu. Ou seja, convém situar a VS na realidade social, política, cultural e histórica em que ocorre. Pois na mesma medida em que a violência é um produto da sociedade, também pode ser desconstruída por ela, sendo assim estudos e medidas tomadas pelo poder público podem efetivamente trabalhar tanto no suporte para os envolvidos como na prevenção da mesma (Minayo & Souza, 1998; Veloso, Magalhães, Dell’Aglío, Isabel & Gomes, 2013). Considerando tais perspectivas, ressalta-se a importância de se discutir sobre as consequências da VS perpetrada na juventude, e principalmente sobre as ações de saúde frente à mesma.

## **Método**

Este artigo compõe uma pesquisa qualitativa de dissertação, intitulada *Consequências da violência sexual perpetrada na juventude*. Tal pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso explanatório de um fenômeno, sendo este as consequências da VS na juventude. A escolha do método se deu por o mesmo ser amplamente utilizado em pesquisas sócias que visam compreender o fenômeno estudado de forma mais profunda. Objetivando isso, buscou-se diferentes fontes de dados para compor a pesquisa. A utilização de múltiplas fontes de evidências possibilita perceber o fenômeno por meio de diferentes perspectivas, tornando possível a identificação de suas convergências e divergências ao se organizar os dados em torno de suas unidades de análise (Freitas & Jabbour, 2011; Minayo, 2014; Yin, 2010).

Considerando tais aspectos, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas, a primeira com uma mulher, que atualmente realiza pós-graduação em sua área de atuação e possui trinta anos, que foi denominada como participante 1. Tal participante, quando cursava graduação e estava em mobilidade acadêmica, aos vinte e quatro anos de idade passou por uma situação de VS perpetrada por um indivíduo na mesma faixa etária e que pertencia ao mesmo círculo social dela na época. A segunda entrevista foi realizada com uma profissional de psicologia que atua há dois anos em uma equipe multidisciplinar voltada para o atendimento às vítimas de VS na região central do Rio Grande do Sul, que foi chamada neste artigo de participante 2. Com ambas as entrevistas foram realizadas conforme disponibilidade e local, definidos pelas mesmas.

A participante 1 foi contatada por meio das redes sociais, quando disponibilizou-se a falar sobre a experiência de violência que vivenciou anos atrás. Após a realização desta primeira entrevista e de uma análise prévia dos dados obtidos, a entrevista com a participante 2 foi construída, objetivando um aprofundamento das questões trazidas inicialmente. Destaca-se que a utilização da análise prévia dos dados para guiar a segunda entrevista, visa uma melhor compreensão do fenômeno estudado, fazendo uso assim de uma triangulação dos dados obtidos, contextualizando-os acerca dos objetivos da pesquisa (Yin, 2010).

Já a análise dos dados ocorreu por meio da Análise de Conteúdo, trabalhando assim com o conteúdo das falas do sujeito de forma que se possam analisar as entrelinhas, ou seja, o que aparece para além das palavras em seus significados literais. A execução desta análise foi dividida em três etapas. Primeiramente a execução da Pré-Análise que ocorreu por meio da seleção do material a ser analisado seguido da leitura flutuante do mesmo, tornando possível assim o contato da pesquisadora com todos os dados coletados, fazendo-a ter noção do material como um todo, deixando impregnar-se pelas hipóteses iniciais e pelas hipóteses viáveis aos dados ali expostos (Minayo, 2014; Yin, 2010).

A segunda etapa foi a Exploração do Material que objetivou a categorização do material a ser analisado, sendo seguida pelo Tratamento dos Resultados Obtidos ou Interpretação. Nessa etapa realizou-se a interpretação e análise dos resultados. Depois de separados categoricamente, a pesquisadora inferiu sobre os significados de tais dados e o que eles representam para a pesquisa e para além dela, como, por exemplo, novas informações não previstas no decorrer da pesquisa, para isso foram realizadas discussões sobre os dados, que também foram avaliados por juízes, apresentando 85% de concordância (Minayo, 2014).

Durante todo o processo foram respeitados os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos definidos pelo Conselho Nacional de Saúde (Ministério Da Saúde, Resolução n.º 510/2016), bem como o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia, 2005). Para isso o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, sob protocolo CAAE n.º 70574917.7.0000.5346. As entrevistas foram gravadas e o arquivo de áudio apagado após a transcrição da mesma, assegurando o anonimato das participantes, todo o processo ocorreu mediante autorização das participantes. A versão final deste artigo foi encaminhada para apreciação das participantes, possibilitando que as mesmas sugerissem omissões e/ou alterações. Ambas as participantes aprovaram a versão final deste artigo sem alterações, bem como sua publicação.

## Resultados e discussões

Os resultados desta pesquisa advêm das perspectivas de uma profissional de psicologia e de uma mulher que passou por uma situação de VS, sobre as ações de saúde frente à VS perpetrada na juventude. Dentre os pontos levantados estão a importância da informação na busca por ajuda e até mesmo no reconhecimento da violência sofrida, assim como a influência do movimento feminista na criação de políticas públicas e discussões acerca do tema. É importante destacar a relação direta do impacto das consequências na forma como as pessoas que passam por uma situação de VS vão agir na busca por estratégias que possam auxiliar a superar ou lidar com o ocorrido.

A VS gera consequências de forma global na vida das pessoas que são acometidas por ela, o impacto desta violência depende de diversos fatores situacionais e pessoais, ocorrendo de forma muito individual. Porém, existem padrões de reação, como o silêncio sobre o ocorrido. Não falar da violência sofrida faz com que não haja denúncias e nem o atendimento de saúde necessário nestas situações, porém tal ação é uma das reações mais constantes, seja pelo tabu social sobre o assunto ou pelo alto impacto da VS que pode levar à negação e/ou sentimentos de insegurança e vulnerabilidade (Cerqueira e Coelho, 2014; Drezett, 2003; Hohendorff, Habigzang & Koller, 2015; Silva & Gonçalves, 2015). Esta foi a primeira reação da participante frente à violência sofrida:

Eu escolhi colocar [a violência sexual] debaixo do tapete e fingir que aquilo não tinha acontecido, porque ninguém ficou sabendo. Tem situações que as pessoas ficam sabendo e que você é exposto e aí nessas situações... Eu não sei como eu agiria se eu tivesse sido exposta. [...] Ele [o agressor] ter tido medo da repercussão, eu acho que fez com que eu conseguisse conviver com essa sujeira lá debaixo do tapete, fingindo que aquilo não existisse... Só que em algum momento o externo começou a me provocar... As questões de gênero começaram a vir sabe? De uma forma muito forte... Academicamente e entre as amigas assim. [Sic] (Participante 1).

O silêncio muitas vezes é uma forma de lidar com o que aconteceu e tentar seguir em frente, porém, como mencionou a participante 1, as consequências da VS vão aparecer, de forma direta ou indireta, em algum momento as pessoas que passam por uma situação de VS vão perceber seu impacto, seja ele físico, psicológico ou social (Cerqueira e Coelho, 2014;

Hohendorff *et al.*, 2015; Silva & Gonçalves, 2015). E o choque inicial da VS, assim como seu silêncio, podem agravar as consequências, como exposto pela profissional de psicologia:

Assim de choque, elas [mulheres que sofreram VS] falam que às vezes elas dormem por dois dias ininterruptos e daí depois que elas vão falar com alguém, e até falar com alguém, até chegar no serviço já passou esse período, a gente percebe que é bem curto pra pessoas que viveram um trauma assim... 72h é um espaço bem pequeno de tempo [Sic] (participante 2).

O período de setenta e duas horas mencionado pela profissional, remete-se ao tempo máximo indicado para o uso da Profilaxia Pós Exposição (PEP) que reduz as chances de contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), estando presente também no coquetel de medicamentos de contracepção, se forem necessárias. Sendo assim, estas primeiras horas são essenciais para o cuidado com as pessoas que passam por situações de VS. Obviamente, os atendimentos ocorrem em qualquer momento, não apenas dentro destas setenta e duas horas, porém algumas medidas não podem mais ser adotadas passado este período (Ministério da Saúde, 2011; World Health Organization, 2017).

Mesmo com tamanha importância do serviço de saúde neste momento após a violência, em geral não é o primeiro local que as pessoas procuram, a psicóloga entrevistada afirma que grande parte dos pacientes vem por encaminhamento das delegacias, sendo este o primeiro recurso procurado:

Então a gente percebe que é um serviço [o serviço de saúde] que ele ainda... ou pelo preconceito, pelo medo delas procurarem, né? Pela falta de informação muitas vezes, elas acabam não chegando. A gente percebe muito uma falha assim... já teve divulgação, talvez tenha sido deficiente a divulgação, mas a gente percebe que, que a procura pelo serviço de saúde deveria ser a primeira, né? Em virtude de que tu tem tantas horas pra procurar, principalmente pra profilaxia, de alguma IST e também de alguma gravidez, tu tem 72 horas, e a gente percebe que acaba sendo o último recurso, que é sempre a questão, né, do poder da polícia que acaba, que elas acabam vindo pra cá, a primeira questão é essa questão da segurança mesmo que elas procuram [Sic] (Participante 2).



Dentre os diversos fatores que influenciam a forma como a pessoa vai responder diante de uma situação de violência, percebe-se uma grande relevância da informação neste processo. A falta de informação sobre situações de violência afeta diretamente o sujeito que passa por essa experiência, seja pela dificuldade em identificar a violência sofrida ou por não saber onde buscar ajuda, mas também tem seu impacto nos profissionais e locais de atendimento de diferentes maneiras (Ministério da Saúde, 2012; Nunes, Lima & Moraes, 2017; Santos & Izumino, 2005). Como pontua a psicóloga:

A polícia acaba também não fazendo muitas vezes os encaminhamentos corretos, acaba... bom sim, procura um ambiente de saúde, mas não procura o que seria referência pra isso, então ela acaba se expondo em um ambiente de saúde, vem pra outro ambiente de saúde, então isso também teria que ser mais divulgado, por esse aspecto assim... de atendimento mesmo, depois que aconteceu né? “pra onde que eu vou?”. Ainda não se sabe que existe esse serviço de referência, que é até 72h eu acho que é isso que né?... se chegar... elas sempre trazem essa dúvida assim, “a mas se eu chegar e tiver feito 76 horas?”, não vai ser feita a profilaxia, mas todos os exames complementares... tudo vai ser feito, os encaminhamentos vão ser os mesmos, tudo vai ser o mesmo [Sic] (Participante 2).

Os profissionais que trabalham com situações de violência precisam estar capacitados para tal, não apenas para o acolhimento e atendimento direto aos sujeitos que sofreram violência, mas com conhecimento e auxílio de toda a rede de atendimento. O trabalho interdisciplinar e em rede, para situações de violência, é indicado não apenas para o atendimento integral a quem sofre a violência, mas também para auxiliar de forma mais efetiva nas campanhas de promoção e prevenção (Ministério da Saúde, 2011; Nunes, Lima & Moraes, 2017; Santos & Izumino, 2005). E os resultados aparecem rapidamente, como pontua a psicóloga:

Eu acho que aumentou bastante, aumentou bastante já a procura. Como eu falei, tem épocas que não tem né? Mas se a gente for pensar na época em que começou a ser divulgado o serviço... Que a gente começou a fazer essas reuniões com a rede... Têm aumentado bastante [Sic] (Participante 2).

Quando a profissional relaciona o aumento na procura por atendimento à capacitação e interlocução da rede, refere-se não só ao conhecimento e preparo dos profissionais envolvidos, mas também as campanhas de prevenção e promoção de saúde, desenvolvidas com o intuito de informar a população de modo geral. Por vezes, as pessoas que sofrem VS sequer sabem identificar a violência ou minimizam o ocorrido por receio da percepção social sobre o fato (Ministério da Saúde, 2012; Nunes, Lima & Moraes, 2017; Santos & Izumino, 2005). A Participante 1, que passou por uma situação de violência, não procurou nenhum auxílio profissional na época da violência, seja no âmbito da justiça ou da saúde. Quando questionada sobre o que a ajudaria a procurar tais serviços, a mesma alegou falta de informação a respeito da VS:

Informação. Eu não tinha informação. Eu não sabia. Eu não sabia que aquilo era uma violência, assim como eu acho que a maioria das mulheres quando sofre estupro pelos próprios companheiros, não sabe que aquilo é violência. [...] Eu não sabia que era violência, porque pra mim estupro era quando você tá na rua alguém te pega... Um cara aleatório vem te pega leva pra um mato e faz uma relação contigo naquele momento, pra mim estupro era isso... Estupro era isso em 2011 [ano em que sofreu VS] né?... Há seis anos atrás, eu achava que estupro era isso, hoje eu entendo que não é isso... Que é... O fato de você fazer um ato sem que a pessoa te dê o consentimento... Eu dei o consentimento... Mas eu dei o consentimento pra pessoa X e não pra pessoa Y. Isso é estupro! [Sic] (Participante 1).

É importante destacar este ponto citado pela participante sobre o que a mesma considerava VS até então. É recorrente a atribuição de atos violentos à contextos alheios, ou seja, a associação do risco de sofrer algum tipo de violência à lugares considerados inseguros e a pessoas desconhecidas. Porém, quando trata-se de VS a grande incidência é com pessoas próximas e em locais tidos como seguros, de acordo com os dados coletados por meio do SINAN, em 2014, apenas 9,40% (18.570) dos casos registrados foram perpetrados por desconhecidos (Ministério da saúde, 2014).

A proximidade com o agressor pode dificultar o reconhecimento da VS sofrida, justamente pela associação da violência com o desconhecido. Nestes casos é recorrente que se tente justificar os atos de violência utilizando fatores externos, como o uso de álcool e o

comportamento de quem foi agredido. Ao se tentar justificar os atos de violência, muitas vezes se reforça a culpa sentida pela pessoa que foi vitimada, que por sua vez, reproduz tais discursos por também estar inserida nesse contexto machista e pelo vínculo que possui com seu agressor (Ministério da Saúde, 2012; Nunes, Lima & Moraes, 2017; Santos & Izumino, 2005). É fundamental que as mulheres reconheçam a violência sofrida, principalmente para achar meios de lidar com ela:

Você não se cura dessa... Assim, se cura no sentido de superar e entender... Reconhecer que não é SUA culpa, que você não tem culpa de ser abusada por alguém... Se essa pessoa abusou o problema é ela... Dela... Tá nela [...] Eu sei que cada um lida com a dor de uma forma diferente... Mas se tu tiver que esconder do mundo e olhar só pra ti... Já é um passo... Agora se tu esconder até de ti... Daqui a pouco tu tá reproduzindo tudo de novo... E tá vivendo tudo de novo... Porque você não deixou cicatrizar aquilo. Eu sei que eu tenho uma cicatriz... Mas não tem pus dentro dela... E se você ignora aquele fato que aconteceu... E não abraça aquilo que aconteceu... Você vai ter uma cicatriz que a qualquer momento vai romper e vai sair pus de dentro... Eu lidei dessa forma... E eu acho que essa forma funcionou pra mim. E aí assim, eu acho que a gente consegue conviver com isso... Não é esquecer... Não é... Não sei se superar é a palavra certa sabe?... Mas é conviver com essas coisas, porque essas coisas vão tá ali.

Reconhecer a violência sofrida é o primeiro passo, e o mais importante, para que a pessoa que passou por isso possa começar a elaborar. O alto impacto gerado por um ato de VS pode fazer com que as consequências sejam sentidas por um longo período, ou até mesmo gere mudanças consideráveis em quem foi vitimado (Dahlberg & Krug, 2007; Garcia & Trajano, 2018). O processo de compreensão do que tinha ocorrido e de identificar isso como uma violência, foi fundamental para a elaboração da VS pela participante 1. Em vários momentos da entrevista ela cita o que levou ela a perceber que o que tinha sofrido era uma violência, e conseqüentemente a perceber que não era sua culpa:

Eu descobri [que era estupro] quando eu comecei a olhar alguns vídeos na internet, um dos vídeos que... Tá eu tinha muitas amigas que tavam começando a se

empoderar, e tudo mais... Eu como trabalho com [cita área de trabalho] e trabalho com juventude, a questão de gênero começou a aparecer muito forte. E aí eu comecei a... Há dar uma olhada nisso [Sic] (Participante 1).

Mas o que fez eu perceber, foi quando eu comecei a assistir vídeos que falavam sobre a necessidade do feminismo, sobre abuso, sobre... “Não é normal determinadas ações” e aí eu tive um... Um estalo assim... “Meu deus... Aquela vez não foi culpa minha” [Sic] (Participante 1).

O movimento feminista tem sido fundamental para a conquista de direitos das mulheres e desconstrução de estruturas sociais nocivas, como a VS. O chamado feminismo de *internet*, tem se destacado fazendo uso das redes sociais como instrumento de protesto e informação. A utilização da *internet* como ferramenta de informação e esclarecimentos sobre VS tem sido muito efetiva, uma vez que possui um grande alcance e representa um espaço de fala democrático, onde além de adquirir informação há também a possibilidade de troca de experiências (Crossley, 2015; Garcia, 2015; Pinto, 2016; Santini, Terra & Almeida, 2017). Outro ponto trazido pela psicóloga:

Mas principalmente no caso da violência que é algo assim, que tende a ser escondido, eu acho que a internet é muito importante, né? Porque tu vai ali, tu pesquisa “o que fazer se for vítima de violência” ali vai tá escrito... tem que fazer a profilaxia, que tu vai ter... então a internet eu acho que é uma peça fundamental assim... ver vídeos talvez também, né? [Sic] (Participante 2).

A possibilidade de obter informações sem identificar-se ou com exposição opcional é algo significativo quando trata-se de um fenômeno que tende a ser escondido e silenciado. A utilização da ferramenta pode funcionar como um primeiro passo, que busca informar sobre questões básicas de ocorrência e medidas a serem tomadas. Mas também funciona como um espaço de acolhimento, visto que possibilita a troca de experiências e diálogo entre pessoas que passaram por experiências similares (Cerqueira e Coelho, 2014; Crossley, 2015; Hohendorff *et al.*, 2015; Santini *et al.*, 2017). A participante 1 reconhece a união das mulheres por meio da identificação das situações de violência, porém problematiza a necessidade de um evento traumático para levar a reflexão e a mudanças:

Infelizmente eu vejo que é por conta dessas situações [de violência] que as mulheres de alguma forma estão se unindo e começando a mudar algumas coisas sabe? Acaba que a gente se empodera depois de uma dor e não deveria ser assim... Deveria ser por informação deveria ser um empoderamento mais intrínseco da própria pessoa, da própria criação... Da própria educação e não... E não por conta de uma dor... É um absurdo... É um absurdo total. [Sic] (Participante 1).

O contato mais constante com informações sobre as violências ligadas a questões de gênero auxiliaria neste processo de empoderamento, principalmente porque a *internet* é o primeiro contato de muitas mulheres com o discurso feminista. Obviamente, devido a amplitude das redes e as diversas vertentes do feminismo, também ocorrem muitos conflitos ao se discutir sobre feminismo *online*, contudo, segundo pesquisa realizada por Garcia (2015) mesmo com estes atritos, os grupos de discussão feminista ainda representam um espaço acolhedor para as mulheres, muitas vezes funcionando como uma rede de apoio, onde as mesmas encontram situações similares a sua e/ou um espaço seguro para buscar ajuda (Garcia, 2015; Pinto, 2016; Santini *et al.*, 2017).

A participante 1, do mesmo modo que encontrou apoio e informação ao ter contato *online* com o movimento feminista, hoje busca replicar o que recebeu, reproduzindo aquilo que achou mais significativo neste processo. Quando questionada sobre que conselho daria a alguém que passou pela mesma situação que ela, respondeu:

Abraça isso que tu... Abraça no sentido de que... Olha pro que aconteceu... Olha!... Não esconde... Vai doer horrores... Tu vai chorar horrores... Mas isso não vai acontecer de novo e isso não vai acontecer com as tuas amigas próximas, isso não vai acontecer com quem tá perto de ti... Transforma isso em luta... Porque só assim que isso não vai acontecer de novo... Se fosse um conselho... “Abraça essa dor e vamos transformar isso em luta”... Pra que isso pare de acontecer. Quando eu dou um conselho eu dou nesse sentido... Abraça! Porque assim... Reconhece e tenta se curar... Porque o cara que fez isso contigo não vai te ajudar a se curar... Talvez pessoas que estão te julgando, também não vão te ajudar a te curar... É procurar

informação... E colo nas pessoas que sabem o que tu tá sentindo e não vão te julgar...

[Sic] (Participante 1).

Destaca-se a importância de se buscar ajuda onde se tem identificação e acolhimento, seja por dividir a experiência com pessoas que também passaram por isso, ou por, simplesmente, saber que o julgamento social sobre esse tipo de violência não será reproduzido. De acordo com Santini *et al.* (2017) quando um sujeito é socialmente silenciado, é por meio de identificação com outros, que compartilham sua experiência, que o mesmo consegue se manifestar e quebrar a repressão sofrida. Os espaços *online* são uma grande ferramenta neste sentido, uma vez que facilitam o contato e aproximação dos sujeitos por identifições, e representam um importante espaço de manifestações na sociedade atual, “as redes sociais *online* são um importante espaço de disputa de fala na sociedade atual e a pluralização de narrativas é um poderoso instrumento de transformação” (Santini *et al.*, 2017, p. 152).

O processo vivido pela Participante 1 fez com que a mesma, por meio da informação e identificação dentro do movimento feminista, transformasse a dor vivida com o intuito de prevenir que a violência se repita, não apenas com ela, mas com as pessoas ao seu redor:

Eu consegui transformar aquela dor [gerada pela VS] em algo que hoje pode ajudar outras pessoas a não passarem por aquela dor... Eu acho que isso muda... Isso muda quando você entra em contato com outras pessoas que passaram por situações parecidas e quando essas pessoas olham pra ti e diz “eu passei... Eu consegui olhar pra mim... Eu consegui superar... E não é porque eu superei que essas coisas têm que continuar acontecendo”. E a gente precisa mostrar pra outras pessoas que isso não pode acontecer... E ai quando a gente vê uma pesquisa que nem a tua é você sair de casa e você ir lá e participar... Eu acho que isso muda... Isso mudou na minha vida e mudou porque eu tive acesso a essas informações, e na época eu não tive, o que eu fiz foi adormecer [Sic] (Participante 1).

O ímpeto de auxiliar outras pessoas que passaram pela mesma situação de VS, ou evitar que outras violências ocorram, vai muito além de tentar lidar com a própria violência sofrida. Advém do entendimento da VS como um fenômeno estruturado em nossa sociedade e que representa um problema de saúde pública, seja por suas consequências ou pelos índices

alarmantes de violências contra mulheres (Garcia, 2015; Waiselfisz, 2015; Santini *et al.*, 2017; Santos & Izumino, 2005). A participante 1 pontua isso na medida em que alega não sentir-se confortável falando sobre VS, mas se colocar neste lugar de fala por compreender tanto a dificuldade em se falar sobre o assunto, quando a necessidade de fazê-lo:

Mas não é confortável tá nesse lugar e falar sobre isso [VS]. Eu me sinto como porta voz de muitas mulheres que não falam sobre isso, mas me sinto um pouco desconfortável em ter que falar sobre isso. Mas eu escolhi falar sobre isso, então... Eu sei da importância, por isso eu falei... Mas não seria uma coisa que eualaria assim... Com tantos detalhes, sabe? Em alguma mesa de bar com alguma amiga que sofre alguma coisa eu falo, mas de forma bem mais superficial. Eu acho por conta dessas violências é que também eu quis estudar isso pra poder dar voz para as mulheres que não... Que não podem falar sobre isso em determinada... Claro que eu não vou falar “sobre isso” [o ato de VS], eu vou falar sobre elas se reconhecendo... Se sentindo enquanto mulheres... Mas isso tá totalmente vinculado [Sic] (Participante 1).

É importante ressaltar a perspectiva trazida pela participante 1 sobre o empoderamento como uma ferramenta de prevenção a VS. Ou seja, vai muito além de se falar sobre a violência em si, é problematizar a situações e estereótipos de gênero que perpetram a mesma. Neste sentido o feminismo tem conseguido, ao longo das últimas décadas, problematizar os papéis de gênero e suas implicações sociais, quebrando com o binarismo, que coloca o feminino e o masculino como coisas opostas e complementares, e trabalhando gênero como algo fluído, que se manifesta de modo performático (Crossley, 2015; Garcia, 2015; Pinto, 2016; Santini, Terra & Almeida, 2017). A participante 1 percebe o feminismo como o único movimento atual que discute tais questões:

Mas sem dúvidas o movimento feminista... Não vejo outro movimento que fale sobre isso dessa forma, que empodere as mulheres... Desconheço se tem. Eu não saberia que eu sofri abuso... Eu não saberia que eu tenho direito de usar a roupa que eu quero... Eu não saberia que a minha bunda é a minha bunda mesmo... Meu peito é o meu peito mesmo... E não é por conta de que eu tenho curvaturas que você tem direito de pegar em mim no ônibus... Não... Né?... E você passa, a partir da

informação, a reconhecer o abuso em todos os ambientes... Não só quando você sofre o sexual, em si [Sic] (Participante 1).

O feminismo, enquanto luta social, vem conquistando espaços e direitos para as mulheres ao longo dos anos. Foi através da pressão dos movimentos feministas que as Delegacias Especializadas de Atendimento a Mulher (DEAM's) começaram a ser criadas nas décadas de 70 e 80, atendendo a grande demanda de mulheres em situação de violência e garantindo atendimento psicológico, jurídico e de assistência social para as mesmas. Do mesmo modo recentemente criou-se a Política Nacional de Enfrentamento a Violência Contra as Mulheres, que consiste em uma política pública integrada, que atribui responsabilidades a cerca do tema a diferentes áreas do governo. Apesar destes avanços, as políticas voltadas para as violências de gênero ainda são muito escassas e insuficientes (Presidência da República, 2010; Garcia & Trajano, 2018).

Criança como uma fase protegida, que tem essa proteção, né? E enfim, do estado, da sociedade, acaba vindo, porque vem o conselho tutelar, a escola ta mais próxima, né? Enfim, tem as denúncias anônimas que a gente recebe bastante... e mulher a gente percebe que ta num limbo assim, que não existe uma política que fale disso especificamente e que divulgue isso mesmo, que divulgue isso como um crime, né? Uma garantia de direitos mesmo, que elas tiveram um direito violado, que isso sim é um crime [Sic] (Participante 2).

A profissional aponta justamente a falta de políticas públicas efetivas, que informem a população de uma forma geral prevenindo a ocorrência de violências e permitindo a interlocução entre diferentes contextos sociais. A criação de políticas públicas para populações específicas permite que as mesmas tenham uma maior visibilidade e garantia de direito, uma vez que incentivam um maior investimento em recursos humanos e financeiros, estimulando campanhas de prevenção e promoção de saúde e até mesmo uma maior interlocução da rede de saúde e dos demais contextos vinculados aquela população, como, escola, delegacias, conselho tutelar, etc. (Garcia & Trajano, 2018; Leal & Selow, 2015). A importância dessa interlocução entre estes diferentes contextos também é trazida por ambas as participantes:



Mas é algo que tem que ser divulgado desde as escolas [...] de saberem, enfim, o que é um abuso sexual, tem que ser falado sobre isso, talvez seria uma das formas, né?... o que mais que poderia ser efetivo?... a gente percebe que é a educação mesmo, é com educação. [...] mas enfim, pra facilitar mais esse acesso [das pessoas que buscam atendimento no serviço], é esse trabalho, acho que até pequenininho mesmo né? Com a delegacia, com escola, com outros ambientes de saúde... [Sic] (Participante 2).

O quanto à educação pra isso é importante... discutir gênero... Discutir sexualidade... Discutir essas coisas, sabe?... Por que se eu soubesse... Eu teria com certeza feito um BO. Eu teria saído daquela casa, teria ido fazer aqueles exames que fazem e teria feito algo... Eu não fiz... Eu só chorei... Por que eu não sabia que aquilo era estupro... Eu achava que era minha culpa [Sic] (Participante 1).

Percebe-se que o acesso à informação e a educação de modo geral, são fundamentais para que se tenha acesso aos recursos necessários quando estas violências ocorrem, mas principalmente para que se previna sua ocorrência. As diferenças de gênero que refletem nos altos índices de violência contra a mulher precisam ser problematizadas. O Feminismo é um movimento social que vem crescendo aos poucos, e já conta com inúmeras conquistas, mas também ainda tem muito a ser conquistado (Garcia & Trajano, 2018; Garcia, 2015; Leal & Selow, 2015).

## **Conclusões**

Apesar de o silêncio ser uma forma recorrente das pessoas que passaram por situações de VS lidarem com as consequências, as mesmas não podem ser silenciadas. Seu reflexo é visto de várias maneiras na vida de quem passa por essa experiência. Silenciar uma violência sofrida, não apenas adia os problemas advindos da mesma, como impede que quem passou pela situação denuncie e procure auxílio, tanto no âmbito da saúde quanto jurídico. Um fator fundamental para lidar com tal situação é a obtenção de informação sobre VS.

Desde informações mais práticas sobre os procedimentos que podem ser tomados após uma situação de violência, até mesmo a definição e caracterização da violência. Já que por vezes a VS pode não ser vista desta forma devido o julgamento social e papéis de gênero

atribuídos aos sujeitos envolvidos. Apesar de se considerar tais percepções distorcidas e um fruto da cultura em que vivemos, elas não são alheias aos envolvidos, pelo contrário, é frequente que quem passou por uma situação de VS também se culpe pelo ato, e talvez não compreenda o ocorrido como uma violência, justamente por compartilhar tais estruturas culturais.

A *internet* tem se mostrado um ótimo espaço de informação sobre situações de VS, seja por permitir que se busque pelo assunto sem se expor diretamente ou por ter acesso ao discurso feminista, já que muitas mulheres tem seu primeiro contato com o feminismo por meio das redes sociais. O feminismo não apenas informa e discute sobre violências de gênero, como também possibilita um contato entre pessoas que compartilham de experiências similares, busca uma desconstrução das perspectivas de gênero que perpetram tais violências e principalmente luta pelos direitos das mulheres e criação de leis e políticas que as protejam das violências sofridas.

A criação de políticas públicas voltadas para proteção das mulheres em situação de violência incentiva o investimento de recursos humanos e financeiros, ampliando e capacitando a rede de cuidado. É fundamental também que os profissionais envolvidos estejam devidamente capacitados, conhecendo os procedimentos necessários e a rede de cuidado como um todo, seja no âmbito jurídico ou de saúde, possibilitando um cuidado integral a quem sofre VS e minimizando a exposição.

A VS ainda é um problema de saúde pública, e apesar dos progressos na aquisição de direitos, de espaços de discussão e atendimentos, muito ainda tem que ser feito para que se diminua a alta incidência deste tipo de violência em nossa sociedade. O envolvimento do movimento feminista permite que as pessoas que sofreram violência, apesar de muitas vezes não poderem elaborar por completo o fenômeno, possam encontrar outras pessoas na mesma situação e tentar evitar que novas violências ocorram, transformando a dor que sentiram em luta.

### **Referências Bibliográficas**

Brasil, Ministério da Saúde. (2011). *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. (3a ed). Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao\\_agravo\\_violencia\\_sexual\\_mulheres\\_3ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf)

Brasil, Ministério da Saúde. (2014). *Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan Net. DATASUS*. Brasília. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinannet/cnv/violebr.def>

Brasil, Ministério da Saúde. (2016). *Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

Brasil, Presidência da República. (2010). *Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres/ Secretaria de Políticas para as Mulheres, Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres*. Brasília: Presidência da República. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/pacto-nacional>

Cerqueira, D., & Coelho, D. C. (2014). *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde (versão preliminar)*. Brasília: IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2014/03/IPEA\\_estupronobrasil\\_dadosdasaude\\_marco2014.pdf](http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2014/03/IPEA_estupronobrasil_dadosdasaude_marco2014.pdf)

Coelho, E. B. S.; Silva, A. C. L. G & Lindner, S. R. (2014). *Violência: Definições e tipologias*. Florianópolis: UFSC. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1862>

Conselho Federal De Psicologia (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília, DF. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo\\_etica.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf)

Crossley, A. (2015). Facebook feminism: Social media, blogs, and new technologies of contemporary u.s. feminism. *Mobilization: Na International Quarterly*. v.20 (2): pp. 245-268. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de <http://mobilizationjournal.org/?code=hjdm-site>

Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(supl.), 1163-1178. Recuperado em 10 Janeiro de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0>

Drezett, J. (2003). Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. *Revista de Psicologia da UNESP*, 2(1). Recuperado em 10 junho, 2018, de <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/violencia/wp-content/uploads/sites/2/2018/02/jefferson-drezett-violencia-sexuak.pdf>

Freitas, W. R. S. & Jabbour, C. J. C. (2011). Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Revista Estudo & Debate*, 18(2), 07-22. Recuperado em 10 fevereiro, 2018, de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod\\_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf)

Garcia, A. L. C. & Trajano, M. P. (2018). *Violência sexual contra mulheres e saúde mental: um diálogo sobre norma técnica de prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes*. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. Florianópolis, v. 10, n. 25, pp. 260-280. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://stat.elogo.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/5003>

Garcia, L. N. (2015). “*O que eu faço na internet também é importante*” – *Trajetórias feministas a partir de grupos de discussão no Facebook*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS. Recuperado em 10 Junho de 2018, de <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1742>

Hohendorff, J. V.; Habigzang, L. F. & Koller, S. H. (2015). *Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: Panorama e alternativas de atendimento*. Psicologia, ciência e profissão, 35(1), pp. 182-198. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282038428014>

Krug, E. G.; Dalberg, L. L.; Mercy, J. A.; Zwi, A. B. & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial Da Saúde – OMS. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>

Leal, A. M & Selow, M. L. C. (2015). Rede de proteção social à mulheres em situações de violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. *Vitrine Prod. Acad.*, Curitiba, v.3, n.2, pp. 122-128. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de <http://www.vitrineacademica.dombosco.sebsa.com.br/index.php/vitrine/article/viewFile/39/39>

Lima, C. A. de & Deslandes, S. F. (2014). *Violência sexual contra mulheres no Brasil: conquistas e desafios do setor saúde na década de 2000*. Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.3, pp.787-800. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n3/0104-1290-sausoc-23-3-0787.pdf>

Minayo M. C. S. & Souza E. R. (1998). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde*, 4(3):513-531. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a06.pdf>

Minayo, M. C. de S.; Assis, S. G. de & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.

Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14a ed). São Paulo: Ed. Hucitec.

Nunes, M. C. A.; Lima, R. F. F. & Moraes, N. A. de (2017). Violência sexual contra mulheres: um estudo comparativo entre vítimas adolescentes e adultas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.37, n°4, pp. 956-969. Recuperado em 09 janeiro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n4/1414-9893-pcp-37-04-0956.pdf>

Organização Mundial da Saúde – OMS (2012). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência*. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359\\_por.pdf?sequence=3](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf?sequence=3)

Pasinato, W. (2011). “Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu* (37), p. 219-246. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200008)

Pinto, C. T. (2016). *Feminismo 2.0: A nova dinâmica dos movimentos sociais na internet*. Monografia de graduação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ. Recuperado em 10 Junho de 2018, de <http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1305>

Santini, R. M.; Terra, C. & Almeida, A. R. D. de. (2017). Feminismo 2.0: A mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#Primeiroassedio). *P2P e inov.* Rio de Janeiro, RJ, v.3, n.1. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/2341/2390>

Santos, C. M. & Izumino, W. P. (2005). *Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil*. E.I.A.L., Vol. 16 – No 1. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>

Silva, R. S. & Gonçalves, M. (2015). *A ocorrência de transtornos psiquiátricos em crianças e adolescentes abusados sexualmente*. UNICIÊNCIAS, v. 19, n.1, pp. 72-78. Recuperado em 01 Maio, 2018, de <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/uniciencias/article/view/3158>

Veloso, M. M. X.; Magalhães, C. M. C.; Dell’Aglío, D.; Isabel R. C. & Gomes, M. M. (2013). Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 18(5):1263-1272. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232013000500011&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232013000500011&script=sci_abstract&tlng=es)

Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília – DF. Recuperado em 01 Maio, 2018, de [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)

World Health Organization – WHO (2017). *Strengthening health systems to respond to women subjected to intimate partner violence or sexual violence: a manual for health managers*. Geneva. Recuperado em 20 janeiro, 2018, de <http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/vaw-health-systems-manual/en/>

Yin, R. K. (2010). *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (4a ed). Porto Alegre: Bookman.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre violência sexual é uma tarefa delicada e difícil, em geral as pesquisas são feitas por meio dos relatórios gerados pelos atendimentos em saúde, dados levantados pelas delegacias especializadas ou com sujeitos envolvidos de forma indireta (pais, mães, etc.). Sendo que a maior parte da produção científica dentro desta temática é voltada para a VS contra crianças e adolescentes. Isso ocorre, em grande parte, pela dificuldade de se falar sobre o tema, de acessar participantes, de forma que não cause nenhum prejuízo ao sujeito que se dispõe a falar.

Esta pesquisa encontrou dificuldades desde o comitê de ética, que precisa ser criterioso ao garantir que a pesquisa esteja dentro dos padrões éticos de pesquisa com seres humanos. Mas o que mais chamou a atenção foi o acesso as participantes. Se inicialmente cinco mulheres se disponibilizaram a participar, apenas uma conseguiu concretizar essa participação. Isso mostra o quão difícil é falar sobre uma situação de violência sofrida, mesmo que se compreenda a importância de se discutir sobre e se tenha vontade de contribuir.

Assim como a VS gera consequências muito singulares, a forma como quem passou por isso vai lidar com tais questões também se mostra muito pessoal. A pessoa que conseguiu dar a entrevista mostrou-se bem com o ocorrido, como a mesma mencionou, não que tenha sido superado ou que não tenha gerado consequências, é algo que sempre fará parte da vida dela, mas que hoje ela consegue olhar com certa distância e relatar de forma segura. Durante toda a entrevista passou a sensação de força e serenidade, motivo pelo qual optamos em não utilizar em nenhum momento o termo “vítima” para se referir de forma direta a ela.

A palavra “vítima” denota passividade e vulnerabilidade, característica incongruente com alguém que lutou e segue lutando pelo que acredita. E que não se deteve em transformar apenas a própria dor em luta, mas busca evitar que o que tenha passado ocorra com outras pessoas. A não utilização do termo “vítima” tem sido adotada por diversos autores, justamente para não colocar os sujeitos expostos a situações de violência em uma posição de passividade.

Esta pesquisa visou, para além de elencar as consequências da violência sexual, compreender como elas ocorrem para quem passou por essa situação. Visto que a maior parte da produção científica se detém em identificar as possíveis consequências, o que mostra-se necessário devido a ampla gama de consequências e a subjetividade na ocorrência das mesmas. Porém se faz necessário que também se olhe para o modo como as mesmas ocorrem, pois é através disso que se pode entender os motivos de tal consequência acontecer e suas nuances.

As consequências da VS na vida de quem a sofreu dependem de muitos fatores, como mencionado anteriormente, desde a forma em que ocorreu, quem perpetrou, o local, o tempo percorrido desde sua ocorrência, dentre outros. Mesmo que se dê de forma subjetiva e pessoal, ressalta-se os reflexos dessa em todos os âmbitos de vida de quem a passou por uma situação de violência, de forma direta ou indireta, impactando de modo global. Envolve não apenas quem sofreu a VS, mas em como este sujeito vai ocupar os espaços sociais e em como ocorrerão suas relações interpessoais.

Uma das manifestações mais comuns e profundas é a atribuição da culpa pela ocorrência da VS à quem sofreu e não a quem perpetrou. Tal atitude é comum em nossa sociedade devido a influência dos papéis de gênero na VS. Porém, este julgamento não vêm apenas da sociedade, mas também de quem foi sujeitado a situação de violência, principalmente por estar inserido nesta cultura, as primeiras reações remetem-se a isso, antes que a pessoa possa refletir sobre e compreender o que ocorreu. A sensação de culpa, e até mesmo de nojo do próprio corpo, surgem desta perspectiva de atribuir a si a responsabilidade sobre o ocorrido, e não a quem cometeu o ato.

Muito relacionado à culpa e julgamento social, o silêncio sobre a VS faz com que apenas uma pequena porcentagem venha a público e/ou busque por ajuda. Apesar de o silêncio ser uma forma recorrente das pessoas que passaram por situações de VS lidarem com as consequências, as mesmas não podem ser silenciadas. Seu reflexo é visto diferentes maneiras na vida de quem passa por essa experiência. Silenciar uma violência sofrida adia os problemas advindos da mesma e impede que, quem passou por esta situação, denuncie e procure auxílio, tanto no âmbito da saúde, quanto jurídico. Sendo um fator essencial para lidar com tal situação é a obtenção de informações sobre VS.

A relevância da informação atinge vários níveis, desde os profissionais que lidam com tal situação, que precisam estar devidamente capacitados, até o conhecimento da população em geral sobre como proceder nestes casos, onde procurar auxílio. Ou até mesmo sobre o que é VS propriamente dita já que, por vezes, a VS pode não ser vista desta forma devido o julgamento social e papéis de gênero atribuídos aos sujeitos envolvidos. A *internet* tem sido um espaço produtivo na disseminação de informações sobre situações de VS, seja por permitir que se busque pelo assunto sem se expor diretamente ou por ter acesso ao discurso feminista, já que muitas mulheres tem seu primeiro contato com o feminismo por meio das redes sociais.

O movimento feminista não apenas auxilia e potencializa o acesso a informações sobre VS e violências de gênero de forma geral, como possibilita um espaço seguro de acolhimento e compartilhamento, sem julgamentos e com abertura para que se encontre sujeitos que

dividem vivências similares. Obviamente um dos objetivos dos feminismos, já que por mais plurais que sejam as pautas este é um ponto de concordância, busca a desconstrução das perspectivas de gênero que perpetram tais violências e, principalmente, luta pelos direitos das mulheres e a criação de leis e políticas que as protejam das violências sofridas.

Ao se discutir as situações de VS é fundamental que se discutam também as questões de gênero, pois as mesmas podem influenciar não só a ocorrência, como também os possíveis impactos na vida de quem sofreu. A ampliação das discussões de gênero podem auxiliar a mediar sentimentos de culpa, subjacentes a compreensão do ato como consequência de suas próprias ações. Além disso, também podem auxiliar a compreender os baixos índices de denúncia, como resultado do tabu gerado em torno do assunto. Os papéis estereotipados designados para as figuras de masculino e feminino, acabam por normalizar os atos de violência ao considerar algumas atitudes como instintivas e naturais.

É essencial perceber o fenômeno da VS como problema de saúde pública e não como uma ação naturalizada. Visto que este entendimento proporciona que o crescimento dos índices de violência resultem na criação de políticas públicas que ampliem e deem suporte para as ações de prevenção e promoção da saúde, do mesmo modo que se tenha uma estrutura adequada para o atendimento a quem a sofre. A criação de políticas públicas voltadas para proteção das mulheres em situação de violência incentiva o investimento de recursos humanos e financeiros, ampliando e capacitando a rede de cuidado.

Uma questão importante a ser pontuada, é que a rede de atendimento seja estruturada de modo que os serviços disponibilizados não sejam compulsórios. Que se informe sobre os procedimentos adequados, exames e medicações, mas que se respeite o tempo da pessoa e a subjetividade em lidar com tais questões, sem que seja necessário que se realize o boletim de ocorrências (B.O.), por exemplo. Dando o suporte necessário para que quem passe por uma situação de violência busque auxílio em diferentes âmbitos, porém sem tornar estes serviços obrigatórios, como ocorre com as políticas voltadas para a proteção de crianças e adolescentes.

A VS representa hoje um grave problema de saúde pública, tendo seus índices aumentado nos últimos anos, apesar dos progressos na aquisição de direitos e medidas de proteção, as mulheres seguem sendo a população mais vitimada. Demonstrando a importância de espaços de discussão sobre os diversos tipos de violência e a não naturalização da mesma em nossa sociedade, bem como a criação de mais políticas públicas que deem conta de ofertar um espaço adequado de atendimento, devida capacitação profissional e principalmente programas de prevenção e promoção de saúde que visem ao combate a VS.



Obviamente não podemos ignorar os avanços obtidos nos últimos anos, cada vez mais surgem pesquisas sobre esta temática, criam-se debates que ajudam a problematizar tais questões e informar cada vez mais pessoas. Do mesmo modo em que se estruturam serviços especializados, atuando de forma pioneira em locais onde anteriormente nem se falava sobre estas formas de violência. É preciso valorizar os progressos, por menores que pareçam, pois é gradualmente que as coisas vão sendo mudadas, mas também é fundamental perceber que ainda há muito a ser feito, tanto para garantir condições adequadas de atendimento a quem sofre VS, quanto para que se diminua drasticamente sua ocorrência.

Esta pesquisa reconhece suas limitações, como a impossibilidade de generalização dos resultados, devido à subjetividade do fenômeno estudado e o limitado número de participantes. O acesso a outras pessoas que tenham passado por situações de VS poderia amplificar a compreensão dessa singularidade e diversidade nas formas de lidar com o ocorrido. Do mesmo modo a participação de outros profissionais, de outras áreas e/ou serviços da rede de atendimento poderiam agregar com outras perspectivas. Por isso ressalta-se a importância de se seguir pesquisando sobre VS em diferentes contextos e dentro de suas diversas manifestações. Para que se possa saber cada vez mais sobre este fenômeno, auxiliando em seu reconhecimento e combate.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Concise rules of APA style** (6th ed.). Washington, DC: Author. 2010.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acessado em: 20 de Jan. de 2018, às 14h.
- BRASIL, Ministério Da Saúde. **Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan Net**. DATASUS, 2014. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinannet/cnv/violebr.def>>. Acessado em: 10 Jan. 2018
- BRASIL. Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude- SINAJUVE. **Casa Civil**- Brasília, 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acessado em: 17 Jan. 2018.
- BREAKWELL, G. M.; FIFE-SCHAW, C.; HAMMOND, S.; SMITH, J. A. **Métodos de pesquisa em psicologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CERQUEIRA, D.; COELHO, D. C. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde** (versão preliminar). IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, nº 11, 2014. Disponível em: <[http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2014/03/IPEA\\_estupronobrasil\\_dadosdasaude\\_marco2014.pdf](http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2014/03/IPEA_estupronobrasil_dadosdasaude_marco2014.pdf)>. Acessado em: 15 de Jan. 2018.
- COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Violência: definições e tipologias**. USFC, Florianópolis. 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/Definicoes\\_Tipologias.pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/Definicoes_Tipologias.pdf)>. Acessado em: 03 de Jan. 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF. 2005. Disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo\\_etica.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf)>. Acessado em: 09 de Jan. de 2018, às 16h.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DONAS-BOTTO, S. F. V.; MOTA, C. P. **Vinculação em jovens adultos: processo de individuação em contexto universitário**. Vila Real, 2012. Disponível em:

<[https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2749/1/msc\\_sfvdbotto.pdf](https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2749/1/msc_sfvdbotto.pdf)>. Acessado em: 14 Jan. 2018.

FLAKE, T. A.; SCHRAIBER, L. B.; MENEZES, P. R. **Violência no namoro entre jovens universitários no estado de São Paulo**. Faculdade de Medicina da universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-02082013-152354/pt-br.php>>. Acessado em 16 Jan. 2018.

FREITAS, V.; MOTA, C. P. Implicações da vinculação amorosa e suporte social na autoestima em jovens universitários. **Análise Psicológica**, 3 (XXXIII), p. 303-315, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312015000300005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000300005)>. Acessado em: 14 Jan. 2018.

FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod\\_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2148238/mod_resource/content/1/Protocolo%20de%20estudo%20de%20caso.pdf)>. Acessado em: 10 de Fev. 2018.

GÜNTHER, H. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Mai-Ago, Vol. 22, n. 2, pp. 201-210, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

KRUG, E. G.; DALBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS, Genebra – CH, 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>>. Acessado em 27 Jan. 2018.

LIMA, C. A. de; DESLANDES, S. F. **Violência sexual contra mulheres no Brasil: conquistas e desafios do setor saúde na década de 2000**. Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.3, p.787-800, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v23n3/0104-1290-sausoc-23-3-0787.pdf>>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

LIVINGSTONE, S. Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ano 9, v. 9, n.25, p. 91-118, ago. 2012. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/313>>. Acessado em: 13 Jan. 2018.

MINAYO M. C. S.; SOUZA E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**, 4(3):513-531, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a06.pdf>>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Ed. Hucitec, 14ª Ed., 2014.

MINAYO, M. C. de S.; ASSIS, S. G. de; NJAINE, K. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros.** Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2011.

MOTA, C. P.; ROCHA, M. Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e o Jogo das Relações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 28 n. 3, pp. 357-366, Jul-Set 2012. Disponível em: <<https://revistapt.unb.br/index.php/ptp/article/view/603>>. Acessado em: 14 Jan. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência.** 2012. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359\\_por.pdf?sequence=3](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf?sequence=3)>. Acessado em 27 Jan. 2018.

PASINATO, W. “Femicídios” e as mortes de mulheres no Brasil. **Cadernos Pagu** (37), p. 219-246, jul-dez de 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332011000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000200008)>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

SALES, S. R.; PARAÍSO, M. A. O jovem *macho* e a jovem *difícil*: governo da sexualidade no currículo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acessado em: 14 Jan. 2018.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil.** E.I.A.L., Vol. 16 – No 1, 2005. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

SOARES, J. dos S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. **Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 29(6):1121-1130, jun, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013000600009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013000600009&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação em Pesquisa. **Manual de Dissertações e Teses: estrutura e apresentação (MDT).** Sistema de Bibliotecas da UFSM. Editora da UFSM – Santa Maria. 2015. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/biblioteca/phocadownload/Manual\\_de\\_Dissertacoes\\_e\\_Teses-2015.pdf](http://w3.ufsm.br/biblioteca/phocadownload/Manual_de_Dissertacoes_e_Teses-2015.pdf)>. Acessado em: 11 Jan. 2018.

VELOSO, M. M. X.; MAGALHÃES, C. M. C.; DELL’AGLIO, D.; ISABEL R. C.; GOMES, M. M. Notificação da violência como estratégia de vigilância em saúde: perfil de uma metrópole do Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 18(5):1263-1272, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n5/11.pdf>>. Acessado em: 10 Jan. 2018.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília- DF, 1ª edição, 2015. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acessado em: 15 Jan. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Strengthening health systems to respond to women subjected to intimate partner violence or sexual violence**: a manual for health managers. Geneva, 2017. Disponível em: <<http://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/vaw-health-systems-manual/en/>>. Acessado em: 20 Jan. 2018

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA****Código:**\_\_\_\_\_. (definido pelo pesquisador)**Sexo:**\_\_\_\_\_ **Idade:**\_\_\_\_\_

1. Me fale um pouco sobre você.

2. Por que você procurou o serviço? (como chegou até ele)

(Durante o relato da violência, investigar como a mesma aconteceu, seguindo o ritmo da narrativa da entrevistada e definindo assim a sequência das próximas questões, explorando por exemplo, o fluxo de Atendimento, a revelação e as medidas acionadas);

3. Quais as consequências dessa violência para você? Ou como você percebe as consequências dessa violência?

4. Como isso afetou/afeta sua vida? Ou como você percebe a influência dessa violência em sua vida? (explorar de que forma as consequências impactaram a sua vida)

5. Como você se sentiu na época? E como você se sente sobre isso hoje?

6. Que conselhos você daria para alguém que passou por isso? (Caso a violência seja recorrente, questionar sobre possíveis soluções sociais de modo amplo)

7. Como foi pra você falar dessa experiência?

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFISSIONAL**

1. Como ocorre a procura das vítimas por atendimento?
  
2. Quais as dificuldades?
  
3. Quais são os casos que procuram atendimento?
  
4. O que você acha que facilitaria esse acesso?
  
5. Como você percebe as consequências dessa violência para as vítimas a curto e longo prazo? (se ela tiver acesso as vítimas a longo prazo)
  
6. Você acha que o acesso informação sobre essas situações facilitaria a prevenção e a procura?

## **APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do projeto: **VIOLÊNCIA SEXUAL ENTRE JOVENS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**

Pesquisadora responsável: Samara Silva dos Santos

Demais pesquisadores: Vanessa Fontana da Costa

Instituição/Departamento: UFSM/ Psicologia

Telefone para contato: (55) 999452104

Local da coleta de dados: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 74 B, Departamento de Psicologia, sala 3210, 97105-970 - Santa Maria – RS.

Eu Samara Silva dos Santos, responsável pela pesquisa “Violência sexual entre jovens no interior do Rio Grande do Sul”, a (o) convido a participar como voluntária (o) deste estudo.

Esta pesquisa pretende investigar a ocorrência e as manifestações da violência sexual entre jovens universitários. Acreditamos que ela seja importante, pois a violência sexual é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um problema de saúde mundial, que vem aumentando consideravelmente nos últimos anos, sendo assim pesquisar sobre o assunto, caracterizando sua ocorrência e suas consequências, pode auxiliar na criação de políticas públicas de prevenção e enfrentamento. Para sua realização será feito o seguinte: será feita uma entrevista semiestruturada, que consiste em questões pré-determinadas que possam ser aprofundadas ou modificadas conforme o andamento da entrevista. O diálogo será gravado e após a transcrição o áudio será apagado, garantindo o anonimato à participante.

A participação nesta pesquisa pode despertar alguns sentimentos negativos relacionados ao tema investigados. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes. Os mesmos poderão interromper sua participação imediatamente caso percebam que lhe ocasionará algum prejuízo. Os pesquisadores envolvidos na pesquisa possuem experiência na condução de pesquisas sobre o assunto, além de experiência clínica. Caso seja verificado qualquer desconforto resultante da participação na pesquisa, os pesquisadores estarão disponíveis para aconselhamento, bem como se responsabilizarão pelos encaminhamentos necessários. Esta pesquisa contribuirá para o maior conhecimento sobre a violência sexual entre pares na população jovem, proporcionando uma reflexão sobre a mesma, e contribuindo para ações de prevenção e enfrentamento deste problema. A participação nesta pesquisa não terá custos às (aos) voluntárias (os) e não oferecerá nenhum tipo de remuneração

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada por estagiários de psicologia supervisionados pela pesquisadora responsável, conforme a demanda apresentada.



Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação das (os) voluntárias (os), a não ser entre as responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Obs: Não assine este termo se ainda possuir dúvidas.

### **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informada (o), ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetida (o), dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura da (o) participante**

\_\_\_\_\_  
**Samara Silva dos Santos**  
(Psicóloga e Orientadora responsável)

\_\_\_\_\_  
**Vanessa Fontana da Costa**

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

## APÊNDICE D- TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: **VIOLÊNCIA SEXUAL ENTRE JOVENS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**

Pesquisadora responsável: Samara Silva dos Santos

Instituição/Departamento: UFSM/ Psicologia

Telefone para contato: (55) 999452104

Local da coleta de dados: Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM.

As responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados das (os) participantes envolvidas (os) no trabalho, que serão coletados através de entrevistas gravadas, sendo estas realizadas no Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 74 B, Departamento de Psicologia, sala 3210, 97105-970 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Samara Silva dos Santos. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 12/07/2017, com o número de registro Cae 70574917.7.0000.5346.

Santa Maria, 2017.

---

Samara Silva dos Santos

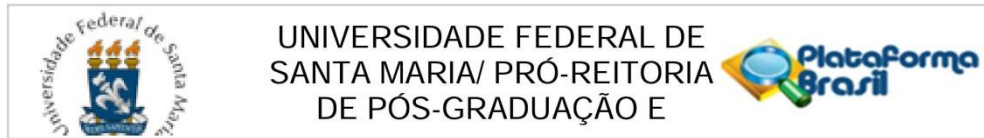
Professora do Departamento de Psicologia/UFSM

---

Vanessa Fontana da Costa

Mestranda em Psicologia da UFSM

## ANEXO A – CARTA DE APROVAÇÃO DO PROJETO GERAL PELO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** VIOLÊNCIA SEXUAL ENTRE JOVENS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

**Pesquisador:** Samara Silva dos Santos

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 70574917.7.0000.5346

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.170.507

#### Apresentação do Projeto:

É uma dissertação e está vinculada ao projeto intitulado "Prevalência do abuso sexual na população brasileira", realizada pelos membros do Grupo de Trabalho (GT) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) denominado "Tecnologia Sociais e Inovação: Intervenções Psicológicas e Práticas Forenses contra a Violência". Tal projeto objetivou levantar a prevalência do abuso sexual na população brasileira, bem como discriminar os tipos de abusos sofridos, correlacionando-os com idade, sexo, cor e nível socioeconômico. A coleta de dados foi encerrada no primeiro semestre de 2016, atualmente a pesquisa encontra-se na fase de análise e produções. A presente pesquisa caracterizada como transversal e exploratória, consiste em um recorte da pesquisa nacional, que visa utilizar um corte nos dados para investigar sobre a violência sexual entre pares na universidade no interior do Rio Grande do Sul. Correlacionando os dados já obtidos aos provenientes de uma nova coleta, que visa aprofundar tal temática. Esta pesquisa terá sua amostra composta pela coleta de informações com jovens universitários do interior do Rio Grande do Sul, de 18 a 29 anos, sem distinção de sexo, que tenham vivenciado alguma experiência de violência sexual, na qual o agressor esteja na mesma faixa etária, descartando assim episódios ocorridos na infância. O contato com os participantes será feito por conveniência. Devido ao anonimato, não será possível realizar a segunda etapa com os mesmos participantes da primeira, a correlação será feita por meio do recorte de idade e do contexto universitário. A

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

**Bairro:** Camobi

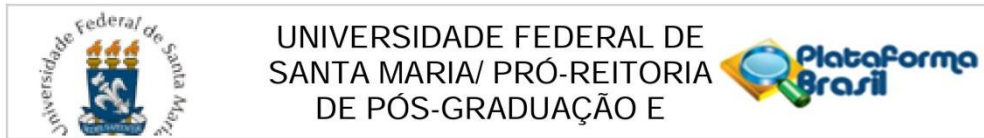
**CEP:** 97.105-970

**UF:** RS

**Município:** SANTA MARIA

**Telefone:** (55)3220-9362

**E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.170.507

entrevista será realizada com 5 participantes em média, devido à delimitação da pesquisa e a sensibilidade do tema a amostra pode sofrer alterações ao longo da coleta. Outro fator que poderá contribuir para tais modificações é a saturação dos dados, caracterizada pelo processo contínuo de análise dos dados já no início da coleta. Podendo identificar uma repetição nos discursos, sendo improvável que novas informações apareçam, assim reduzindo o número de participantes.

**Objetivo da Pesquisa:**

Geral: investigar a ocorrência e as manifestações da violência sexual entre jovens universitários do interior do Rio Grande do Sul.

Específicos: identificar quais as consequências do evento para a vítima; Compreender a manifestação desse fenômeno e suas implicações para a vítima.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

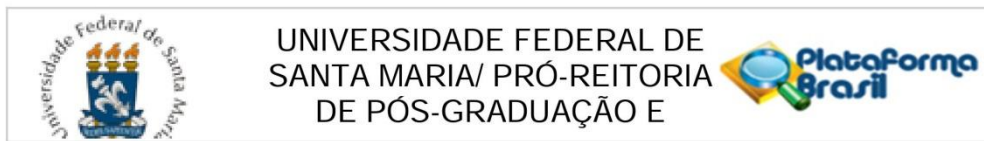
Riscos: a equipe envolvida na coleta será devidamente treinada para a condução das entrevistas, sempre na presença da pesquisadora responsável, que garantirá o acolhimento do participante, bem como encaminhamento para serviços especializados, se for necessário. Por se tratar de um assunto delicado, a entrevista poderá gerar fortes reações nos entrevistados, toda a sua condução ocorrerá com cuidado pelo bem-estar do participante, visando à diminuição dos riscos provenientes deste estudo.

Benefícios: possibilidade de expressão e possível elaboração da vivência em questão, bem como o retorno acadêmico, que reflete em mais conhecimento na área, assim como o incentivo à políticas públicas de prevenção e auxílio às vítimas de violência sexual

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa está bem embasada, vinculada a outro projeto, onde já foram entrevistados 371 estudantes universitários entre 18 a 70 anos, de ambos os sexos, que preencheram um questionário aplicado de forma coletiva, em sala de aula, durante o período letivo de 2016. O questionário será aplicado em 5 estuantes e terá: sete (7) questões de identificação sócio demográficas, treze (13) sobre prevalência do abuso com e sem contato físico e por fim doze (12) questões a serem respondidas apenas por aqueles que indicaram terem sofrido algum dos tipos de

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.170.507

abuso nomeados nas questões anteriores.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos obrigatórios foram apresentados adequadamente.

**Recomendações:**

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_857677.pdf	30/06/2017 20:59:17		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	26/06/2017 16:26:51	Vanessa Fontana da Costa	Aceito
Outros	Termo_confidencialidade.pdf	26/06/2017 16:25:02	Vanessa Fontana da Costa	Aceito
Outros	Autorizacao_institucional.pdf	26/06/2017 16:24:01	Vanessa Fontana da Costa	Aceito
Outros	projeto_57204.pdf	22/06/2017 20:17:55	Vanessa Fontana da Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	22/06/2017 20:16:50	Vanessa Fontana da Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf	22/06/2017 20:15:07	Vanessa Fontana da Costa	Aceito

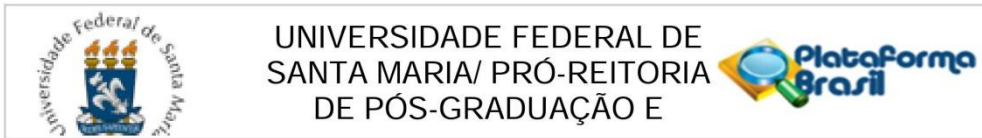
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.170.507

SANTA MARIA, 12 de Julho de 2017

---

**Assinado por:**  
**CLAUDEMIR DE QUADROS**  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com